

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Dissertação

**O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA
PRODUÇÃO MICROCERVEJEIRA: Uma análise da Região Imediata
Novo Hamburgo-São Leopoldo, Rio Grande do Sul.**

William Martins Lourenço

Pelotas, 2022

William Martins Lourenço

**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA
PRODUÇÃO MICROCERVEJEIRA: Uma análise da Região Imediata
Novo Hamburgo-São Leopoldo, RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiaraju Salini Duarte

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L892d Lourenço, William Martins

O desenvolvimento territorial e a ressignificação da produção microcervejeira : uma análise da região imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, Rio Grande do Sul / William Martins Lourenço ; Tiaraju Salini Duarte, orientador. — Pelotas, 2022.

103 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Microcervejarias. 2. Vale do Rio dos Sinos. 3. Desenvolvimento territorial. 4. Rio Grande do Sul. I. Duarte, Tiaraju Salini, orient. II. Título.

CDD : 338.642

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

William Martins Lourenço

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA
PRODUÇÃO MICROCERVEJEIRA: Uma análise da Região Imediata Novo
Hamburgo-São Leopoldo, RS

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 14 de outubro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Tiaraju Salini Duarte (Orientador e Presidente da Banca)

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares

Doutor em Geografia pela Universidad de Barcelona

Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

À minha família e amigos, dedico.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Universidade Federal de Pelotas por me proporcionar um ensino público e de qualidade durante todos estes anos. A graduação e mestrado pela universidade era um sonho pessoal, tanto de minha família como minha.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). A bolsa me possibilitou uma dedicação exclusiva aos estudos e à pesquisa, estar presente em diferentes grupos científicos. Que a universidade pública perdure.

A minha mãe, Gislaine Martins, por todo seu apoio, carinho, ternura e amor incondicional durante toda minha existência. Vejo muito do que sou hoje graças a ti.

Ao meu pai, José Luiz, por todo incentivo e apoio durante todos os anos, muitas vezes dando conselhos que eu precisava ouvir, mesmo não querendo.

Ao meu irmão, Wágner, que desde pequeno me influenciou e apoiou na minha trajetória, tanto de vida como acadêmica.

A minha vó, Teotônia, que sempre me apoiou e incentivou, desde a hora em que nasci, a eu dar o melhor de mim. Sempre com um sorriso no rosto.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, que se tornaram amigos para vida, em especial Guilherme Cabreira e, em especial, Antonio Kila que está comigo desde os meus primeiros dias em Pelotas, há mais de 6 anos atrás. Você faz eu sentir que a humanidade não é um completo desperdício.

Ao Yves, (e nossos dois seres não humanos, Eufrates e Jorginho) és uma das pessoas mais incríveis que tive o prazer de conhecer na minha trajetória, obrigado por todas as incontáveis vezes que você esteve lá por mim. Sua existência é um privilégio para todos que te cercam.

A Pamela, mesmo longe fisicamente, não mediu esforços e carinho para me ajudar com palavras, ações e sentimentos durante as fases mais cruciais do presente trabalho. Você tem o dom de acalantar todos que lhe cercam.

A Josiane, uma grande amiga de anos, és uma das pessoas mais inteligentes e amáveis que já conheci. És, ainda, alguém que tenho muita admiração pela trajetória acadêmica, uma referência como pesquisadora.

A Paloma (*in memoriam*): foste ternura e companhia nos melhores e piores dias, lugar que construímos uma amizade que seria para vida toda. Você nos deixou, mas as boas lembranças estarão na memória para sempre.

Ao Tiaraju, meu orientador, obrigado pela parceria e por todas as horas de conversas, orientação, conselhos e puxões de orelha. És um exemplo como profissional e como ser humano, me espelho em você sempre.

Moral da história: desfazer-se de palavras, em vez de disputar o seu significado, pode ser a solução mais cômoda, mas nem sempre é a mais inteligente. (SOUZA, 2018)

Resumo

A produção de cerveja no Brasil revela-se como um importante setor da economia nacional, sendo responsável por aproximadamente 1,6% do Produto Interno Bruto. Esta relevância fica mais explícita no século XX, pois temos a estruturação de um oligopólio produtivo centrado em três grandes empresas, as quais juntas detém cerca de 98% do mercado. Na contramão do processo de centralização de capital, observa-se um movimento recente de microcervejarias que buscam, por meio de estratégias variadas, se inserir e sobreviver neste cenário. Neste contexto, elencamos como objetivo geral da dissertação analisar o processo de ressignificação da produção microcervejeira na região imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, buscando compreender as dinâmicas produzidas por este movimento e sua relação com o desenvolvimento territorial. A escolha em trabalhar com este recorte espacial relaciona-se ao mesmo ser, no contexto atual, uma das regiões com o maior número de microcervejarias do estado. Como base metodológica, divide-se a pesquisa em etapas: A primeira centrou-se na revisão bibliográfica; A segunda consistiu em definir o recorte espacial da pesquisa; A terceira refere-se ao levantamento de dados junto a fontes oficiais e a espacialização dos mesmos; Como última etapa, foi realizado uma pesquisa de campo e aplicação de entrevistas semiestruturada com os produtores da região. Por meio de todos estes momentos, busca-se entender as nuances do movimento microcervejeiro na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, sua estruturação e o desenvolvimento territorial produzido por este processo. Como resultados preliminares da pesquisa, podemos analisar que o estado do Rio Grande do Sul ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX apresentou-se como um dos principais pilares brasileiros da produção cervejeira. Após este período, há uma decadência no setor derivado da entrada de capital externo oriundo da região sudeste. Além disso, o estado sulino inicia na década de 1990 um processo de renovação produtiva (inspirado em grande medida no movimento microcervejeiro dos EUA) que terá como característica a produção em pequena escala por meio de empreendimentos locais, destacando-se algumas regiões, como por exemplo, o Vale do Rio dos Sinos/RS.

Palavras-chave: Microcervejarias; Vale do Rio dos Sinos; Desenvolvimento Territorial; Rio Grande do Sul.

Abstract

The history of beer in Brazil, shows itself as a very important sector of the domestic economy, being responsible for approximately 1,6% of the Gross Domestic Product (GDP). This importance is followed by the formation of an productive oligopoly established in the 20th Century by three big companies, which holds 98% of the market. Against the current of this process, there is a recent microbrewery movement that aims to, by several strategies, embed itself in the market and survive. On spatial terms, the referred movement is bigger in the South and Southeast regions of Brazil, the Rio Grande do Sul is currently the second state that has the most number of microbreweries that are registered in the Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) in the country. In this context, the main goal is to analyze the process of resignification of the microbrewery in the Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, seeking to comprehend the dynamics created by this movement and the relation with the territorial development. We choose this spatial cutting because, in the present-day context, the region of Vale do Rio dos Sinos is a region that holds a large number of microbreweries in the state. In the methodological basis, the research are split steps: The first step concentrated in a bibliographic review; The second consist in define the spatial cutting of the research; the third apply to the gathering of data along with official sources and the spatialization of the same; and the last step, will be conducted a field research and application of a semi-structured interview with the producers of the region. By means of all these moments, it is seeking to understand the nuances of the microbrewery movement in Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, its structure and the territorial development that is produced in this process. As preliminary results of the research, we can analyze that the state of Rio Grande do Sul along the 19th Century and in the first half of the 20th Century was one of the main foundations on the production of beer in Brazil. Following this period, we see the decay of the sector, followed by the injection of capital deriving from the Southeast region of Brazil. We also like to include as preliminary results that the southern state initiated in the 90's a productive renovation (inspired by the great microbrewery movement in the USA) that has as characteristics the production in a micro scale and local enterprises, some regions stands out, like the Vale do Rio dos SinosRS.

Keywords: Microbreweries, Vale do Rio dos Sinos, Territorial Development, Rio Grande do Sul.

Lista de Figuras

Figura 1	Número de cervejarias registradas no Brasil na série histórica do MAPA.....	29
Figura 2	Mapa de localização dos municípios da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, Rio Grande do Sul/Brasil....	33
Figura 3	Organograma metodológico do projeto.....	36
Figura 4	Localização da primeira região produtora de cerveja do Rio Grande do Sul.....	62
Figura 5	Densidade de cervejarias no ano de 2020 - Rio Grande do Sul.....	68
Figura 6	<i>Continuum</i> produtivo microcervejeiro do Rio Grande do Sul..	69
Figura 7	Mapa das (micro)cervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo.....	73

Lista de Quadros

Quadro 1	Número de cervejarias por ano no estado do Rio Grande do Sul.....	29
----------	---	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1	Temáticas do Desenvolvimento Territorial dos artigos da Scielo.....	27
-----------	---	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

AB InBev	Anheuser-Busch InBev
ATD	Análise Textual Discursiva
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EUA	Estados Unidos da América
GEOTER	Grupo de Pesquisa: Geografia Política, Geopolítica e Territorialidades
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGeo	Programa de Pós-Graduação em Geografia
QGIS	Quantum Gis
RS	Estado do Rio Grande do Sul
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SCIELO	Scientific Eletronic Library
SINE	Sistema Nacional de Emprego
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

1	Introdução	15
1.1	Apresentação e contexto.....	15
1.2	Caracterização do Problema.....	18
1.3	Justificativa.....	24
1.4	Objetivos	31
2	Metodologia	32
3	Fundamentação Teórica	37
3.1	O conceito de território na ciência geográfica: do material ao simbólico.....	37
3.2	O conceito de desenvolvimento	40
3.3	O conceito de desenvolvimento territorial e sua relação com a produção microcervejera.....	43
4	O contexto geográfico e histórico da produção cervejeira: da escala mundial a Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo	47
4.1	Uma breve história da cerveja no mundo.....	47
4.2	A história da cerveja no Brasil: do consumo local a uma das maiores referências do mercado mundial.....	50
4.3	A história da cerveja no Rio Grande do Sul: da ascensão produtiva à decadência do setor.....	53
4.4	A origem das cervejarias no Vale do Rio dos Sinos: da produção artesanal à industrialização.	60
5	As microcervejarias na atualidade: O Desenvolvimento Territorial no Vale do Rio dos Sinos/RS	65
5.1	A gênese do movimento de renovação da cerveja no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	65
5.2	O movimento de renovação produtiva no estado do Rio Grande do Sul: dos anos 1990 até a atualidade.....	67
5.3	As características produtivas e mercadológicas das microcervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo.....	72
5.4	O Desenvolvimento Territorial e as microcervejarias: A resistência frente ao oligopólio produtivo e os possíveis caminhos para a região.....	76
6	Considerações Finais	86
	Referências	90
	Apêndice	99

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação e contexto do pesquisador

Neste espaço trago minha trajetória antes mesmo de ingressar no curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e algumas particularidades que, até aqui, me trouxeram. Esta seção será a única focada na escrita em primeira pessoa durante todo o trabalho.

Cresci e vivi os primeiros 20 anos da minha vida em Novo Hamburgo, município da Região Metropolitana de Porto Alegre com uma população de 247.032 (IBGE, 2020). Meus pais são originários do interior do estado gaúcho, mais precisamente da cidade de Passo Fundo, lugar que até hoje vivem a maioria dos seus parentes. Vieram para Novo Hamburgo nos anos 1980 a procura de emprego, chegaram na Região Metropolitana sem conhecer ninguém, apenas com a roupa do corpo e algumas malas.

Novo Hamburgo era um grande polo industrial na época, além de ser conhecida como “a capital nacional do calçado”. Por este motivo optaram por residir neste município que estava crescendo de forma latente. Meu pai foi operário do setor calçadista durante mais de 10 anos; minha mãe trabalhou no mesmo hospital como auxiliar de enfermagem por mais 30 anos até se aposentar.

Meus pais sempre desejaram que seus filhos possuísem Ensino Superior, visto que, para geração deles, filhos de duas mães solteiras e empregadas domésticas, a oportunidade de focar totalmente no estudo não era possível. Ambos sempre trabalharam desde a adolescência e nenhum familiar das gerações anteriores ou parentes próximos tiveram a oportunidade de ingressar na universidade. A maioria não possuía nem Ensino Médio completo.

Frente a isso, o Ensino Superior sempre foi um sonho pessoal, não importava o curso, mas sempre soube que iria me formar. Coursar Geografia e ser professor não foi algo planejado por mim desde pequeno, e sem querer acabei seguindo o sonho do meu pai, que era ser professor de Matemática.

Na minha trajetória escolar, todo ensino Fundamental e Médio foi cursado em escolas da rede pública. Ao longo de toda minha caminhada no ensino básico jamais pensei e nem imaginei que poderia regressar para dentro da sala de aula como professor. Sou grato eternamente aos professores maravilhosos que tive nesta

trajetória, sempre me incomodou profundamente com o discurso que atribui de forma negativa a qualidade da escola pública.

O regresso à escola, agora como professor, possui íntima ligação com a qualidade dos professores que tive o privilégio de conhecer na trajetória escolar. Refletiram imensamente na escolha da minha profissão. Meu percurso como acadêmico do curso de Geografia Licenciatura, ao meu ver, possui dois momentos marcantes, que foram essenciais a minha trajetória como graduando e formação profissional.

O primeiro, o privilégio de, logo no primeiro semestre do curso, ser aprovado na seleção de bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programa o qual fui bolsista por dois anos. O principal objetivo do programa é, a formação de professores para a educação básica e a melhoria da qualidade da escola pública, os bolsistas são inseridos em projetos, tanto disciplinares como interdisciplinares em escolas públicas da rede.

A importância do programa na formação do meu 'eu' professor/pesquisador é algo único, sem precedentes, que me proporcionou o contato com a profissão logo no meu primeiro semestre. Tive o privilégio de participar de um projeto interdisciplinar junto com colegas de outros cursos como Educação Física, História, Ciências Sociais, entre outros, desenvolvendo uma oficina envolvendo toda uma demanda da escola, que na época passava por alguns problemas de violência física e verbal entre os alunos. A oficina procurava dialogar com os alunos sobre esses assuntos importantes, envolvendo linguagem corporal, verbal e quais experiências esses alunos tinham dentro da escola e como isso refletia no dia a dia em suas vidas.

Além disso, ao longo dos meus dois anos de bolsa, desenvolvi um projeto disciplinar, que visava trabalhar com os alunos sobre as políticas públicas federais na cidade de Pelotas, sua espacialização e modo de influência. Contextualizando como essas políticas se manifestam na cidade. Trazendo assim, uma outra visão das mesmas e desmistificando o total não funcionamento delas. Tendo três eixos principais: Ensino superior gratuito, em Pelotas temos a Universidade Federal de Pelotas com vários campus distribuídos pela cidade, as leis trabalhistas e sua espacialização com o Sistema Nacional de Emprego (SINE) e o Ministério do Trabalho e Emprego e a Saúde, através do Sistema Único de Saúde (SUS), como pronto socorro, Unidade Básica de Saúde (UBS). Saliendo as importâncias e os

direitos a cada uma dessas políticas, assim como espacializando-as.

Também fiz parte de uma Oficina Itinerante, a Oficina de Consumo Consciente, que tinha como principal objetivo elucidar o participante aos problemas do consumismo desenfreado, apresentando conceitos e diferenças do que é o consumo para viver, e o consumo que pode ser considerado supérfluo, além de outros temas envolvendo a área, questionar o padrão de vida divulgado pela mídia com padrão a ser alcançado. A oficina foi ofertada para acadêmicos do curso de Geografia no evento, V Mostra e Seminário do Pibid Geografia, para alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Dom Francisco de Campos Barreto localizada no Laranjal, e para alunos do Colégio Municipal Pelotense.

Todas essas práticas, ao longo de dois anos, tiveram papel fundamental e indispensável na formação do meu 'eu' professor/pesquisador; no meu segundo estágio dentro do curso de licenciatura em Geografia percebi que as práticas desenvolvidas na bolsa ainda estavam presentes comigo na minha atuação profissional e muitos dos medos e dúvidas que eu poderia ter em relação a minha posição como professor foram trabalhadas durante esse período como bolsista.

O segundo momento, se iniciou em 2018, ano que desenvolvi mais intensamente pesquisas relacionadas a Geografia Humana, culminando não só com participações/publicações de artigos em eventos, congressos e revistas, mas também com a vivência em grupos de pesquisa.

Uma destas experiências é o Projeto de Pesquisa Geopolítica e território: campos hegemônicos e contra-hegemônicos, sendo seu objetivo geral analisar a constituição da geopolítica na atualidade. Com a participação neste projeto desenvolvi duas publicações, uma no XXVII Congresso De Iniciação Científica Intitulada intitulada "A Geopolítica: Campos Do Saber Hegemônicos E Contra-Hegemônicos Na Geografia" e outra no Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, intitulada "Geopolítica e a Geografia: Uma Análise de Pesquisas Através do Banco de Dados da Capes nos Anos de 2016 e 2017".

Além disso, como coautor, organizei outros trabalhos, como por exemplo: "impactos socioambientais na revitalização do porto de Pelotas". Também tive a oportunidade de publicar resultados de minha pesquisa no XIV Seminário Internacional De Estudos Urbanos E Regionais, como autor principal, no trabalho intitulado "Noam Chomsky e o Papel do Estado na Definição do Termo Socialismo" e

como coautor, no trabalho “panorama da economia solidária no rio grande do sul a partir do atlas da SENAES/MTE”. Além destes, também publiquei um artigo completo no evento II Congresso Brasileiro De Organização Do Espaço XIV Seminário Da Pós-Graduação em Geografia – UNESP – Rio Claro, intitulado “diversidade e possíveis campos de pesquisa em Geopolítica na Geografia Brasileira.” Artigo este, vinculado ao projeto de pesquisa: Geopolítica e territorialidades: campos hegemônicos e contra-hegemônicos.

O outro Projeto de Pesquisa no qual participo, intitulado “Territórios microcervejeiros no estado do Rio Grande do Sul: uma análise do Circuito Espacial de Produção e do Círculo de Cooperação Econômica” busca analisar os territórios microcervejeiros no estado do Rio Grande do Sul tendo como base as dinâmicas (CEP) e o (CCE), projeto esse ainda em realização, pesquisa essa que, também, faz parte do meu trabalho de conclusão de curso.

Em 2019 desenvolvi alguns artigos que faziam parte de um recorte da minha monografia, como citado no parágrafo anterior. Um deles apresentado no XV Seminário de Estudos Urbanos e Regionais, intitulado “A origem e decadência do polo produtivo de cerveja no município de Pelotas: um recorte espaço-temporal do século XIX e XX”. No mesmo evento fui coautor do trabalho “A industrialização do município de Pelotas/RS: Um estudo sobre a territorialização do início do século XX no bairro Porto”. Seguindo nos artigos sobre as microcervejarias, no XXVIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas apresentei o trabalho sobre “a produção de cerveja no município de Pelotas: da decadência à ressignificação”.

Ainda em 2019 publiquei dois outros resumos expandidos em eventos, um deles no VI SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, resumo esse intitulado “O CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO E O CÍRCULO DE COOPERAÇÃO NO ESPAÇO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANALISAR A PRODUÇÃO CERVEJEIRA”, além de uma apresentação em formato de banner no evento. O outro trabalho foi apresentado no V CONGRESSO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, trabalho intitulado “O PROJETO DE ENSINO GEOGRAFIA POLÍTICA, IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES”. Vinculado ao projeto que cito a seguir.

Além dos projetos anteriores, faço parte do Projeto de Ensino intitulado Grupo de Pesquisa: Geografia Política, Geopolítica e Territorialidades (GeoTer) o qual

possui reuniões semanais para discussão de textos e elaboração de trabalhos com intuito de publicá-los em eventos, periódicos, etc, relacionados à Geografia Política. Projeto esse que contribuiu imensamente para formação e iniciação da minha carreira como pesquisador.

Ainda em 2019 realizei o estágio supervisionado obrigatório no ensino médio, que faz parte do currículo do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. O estágio foi realizado no Instituto Federal Sul-riograndense campus Pelotas, sendo de extrema importância para experiência docente da minha formação como professor, importante para conhecer outras realidades da educação pública do país.

Além disso, em Agosto de 2019 ingressei no projeto de extensão Desafio Pré-Universitário Popular, que tem como objetivo propiciar uma troca e construção de conhecimento para alunos que desejam ingressar na UFPel, os alunos contemplados no programa estão em situação de carência econômica, e por isso, muitas vezes não possuem acesso a cursos preparatórios para ingressar no ensino superior. Projeto que ainda faço parte como professor-colaborador.

O projeto está sendo de suma importância para o início da construção da minha carreira profissional, diferente dos estágios obrigatórios, no Desafio o responsável pela turma é o próprio colaborador-voluntário, ele está encarregado e em controle de tudo que envolve a sala de aula, desde a ordem dos conteúdos ministrados, horários, possuindo total autonomia dentro da sala de aula.

Na fase final da minha graduação, o meu 'eu' professor/pesquisador se desenvolveu cada vez mais, o que possibilitou a produção de artigos, participações em eventos, projetos de ensino, pesquisa e extensão. Projetos os quais foram e continuam sendo de suma importância para construção da minha formação docente e na defesa da minha monografia intitulada "A TERRITORIALIDADE DA PRODUÇÃO (MICRO)CERVEJEIRA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS: uma (r)evolução em andamento" que fazia parte uma pesquisa que eu estava elaborando ao longo de alguns meses, juntamente com meu orientador, no GeoTer. Pesquisa esta que foi dada seguimento, posteriormente, na pós-graduação.

Após o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) em 2020, foi um ano turbulento em que várias expectativas acerca da minha caminhada no mestrado e na vida profissional não foram alcançadas e tiveram que ser adiadas por causa da pandemia global da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2).

Como por exemplo, participações em eventos presenciais, reuniões com colegas pós-graduandos, estar efetivamente em sala de aula exercendo a profissão, entre outras experiências que seriam importantes ao longo da minha caminhada como pós-graduando.

Por esses motivos, no ano de 2020 as participações em eventos acadêmicos e afins foram limitadas. Mesmo assim, participei como ouvinte do Webinário “O Pós-Colonial/Descolonial/Anticolonial na Geografia: provocações e desafios”, organizado e promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Goiânia. Além disso, fui organizador do “XVI Seminário de Estudos Urbanos e Regionais: Crises, Conflitos e Alternativas no Espaço Urbano” realizado pelo Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Como publicação, destaco o artigo completo na revista online Caminhos de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, intitulado “origem, ascensão e decadência das cervejarias no estado do Rio Grande do Sul: um recorte espaço-temporal do século XIX e XX”.

A partir de tudo isso que foi dito, para além da monografia já finalizada, começo um novo processo de escrita que culmina no presente trabalho. Para além de uma discussão no que toca os produtores de cerveja, busca-se fomentar a discussão em torno da valorização da escala local sobre a ótica da perspectiva econômico-social.

1.2 Caracterização do problema

A produção da cerveja no mundo consolidou-se nas últimas décadas como uma das principais atividades industriais. Segundo dados do Relatório BarthHaas¹ (2020), após cinco anos de queda no volume produzido no mundo, o ano de 2019 apresentou um aumento que revela a importância e retomada deste setor.

O acréscimo no consumo, contudo, não ocorreu de forma homogênea; regiões como a Europa apresentaram uma queda de -0,2%, assim como o continente Africano com decréscimo de -0,6%. A Ásia, que em 2018 havia apresentado uma retração em seu mercado de -8,9%, no ano seguinte despontou com um crescimento de 1.1% (o maior entre todas as regiões do mundo); e a América do Sul apresentou um aumento de 1,6% neste período. Ainda aponta-se que existem 172 países produtores de cerveja, sendo que os cinco maiores são representados, em ordem decrescente por: China, Estados Unidos da América, Brasil, México e Alemanha (BARTHAAS, 2020).

Percebe-se, a partir deste contexto, que o setor cervejeiro mundial apresenta características distintas nas mais diversas áreas do globo que se insere, não obstante uma característica se sobressai: a oligopolização do mercado mundial. Para corroborar com esta perspectiva destacamos que apenas cinco empresas são responsáveis por aproximadamente 60% da produção mundial de cerveja, sendo elas, segundo o relatório BARTHAAS (2020): Anheuser-Busch InBev (AB InBev) (29,3%), Heineken (12,6%), China Res. Snow Breweries (6%), Carlsberg (5,9%) e Molson Coors (4,8%).

No que tange cenário Brasileiro, a produção da cerveja caracteriza-se como um dos principais aportes industriais do território nacional. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria da Cerveja (CERVBRASIL, 2019), o setor é responsável por aproximadamente 1,6% do Produto Interno Bruto, tendo um rendimento anual de aproximadamente 107 bilhões de reais, além de empregar 2,7 milhões de pessoas. Ainda destaca-se uma vasta rede de serviços que se estende desde a agricultura, passando pela indústria e até chegar ao comércio e serviços em geral relacionados à produção cervejeira.

¹ O Relatório BarthHaas é um importante relatório anual de uma empresa alemã conhecida como Barth-Haas Group, a empresa reúne dados do mercado cervejeiro mundial além de discussões econômicas e políticas sobre a atual fabricação de cerveja em cada continente.

Frente a esta importância, como característica geral do setor cervejeiro mundial, o Brasil encontra-se frente a um desafio: o rompimento do oligopólio produtivo e a diversificação do mercado de empresas. Como aponta Limberger e Espindola (2019), no Brasil, 68% do mercado é dominado pela cervejaria belga AB InBev, o restante divide-se entre o grupo internacional Heineken com 17,66% e a cervejaria nacional Petrópolis, com 14,31%.

A grande oligopolização do mercado cervejeiro no Brasil também é descrita por Marcusso (2015), o qual demonstra o domínio pela AB InBev correspondendo a aproximadamente dois terços do mercado de cerveja e, em conjunto com mais três empresas, detém 98% do mercado brasileiro.

Apesar dessa dinâmica de oligopolização do setor cervejeiro no Brasil, destaca-se que há um movimento de renovação não só da produção, mas também do mercado consumidor deste produto (CARLSON e WEHBRING, 2011; GIORGI, 2015; LIMBERGER e TULLA, 2017). Tal processo é influenciado por um movimento originário nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos da América (EUA) e difundido no território nacional a partir dos anos de 1990 e início do século XXI.

Neste sentido, observamos no Brasil um crescente número de empreendimentos relacionados com a produção cervejeira, fruto em grande medida das mudanças deste setor. O movimento de renovação microcervejeiro está atrelado a uma série de novas dinâmicas que surgem neste recorte temporal, como por exemplo, a maior facilidade de acesso a insumos, acesso à informação, criação de grupos que visam fomentar uma rede de conhecimentos sobre o processo produtivo, entre outras características.

Como definição de microcervejaria adotada na presente pesquisa, seguimos o conceito estabelecido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2020): "microcervejarias são fábricas cervejeiras capazes de produzirem até 200 mil litros de cerveja por mês". Nesta perspectiva, salientamos que é indiferente se o produto é envasado e consumido no local ou em outros ambientes.

Para fins da pesquisa, consideramos então a microcervejaria como o estabelecimento técnico de produção; e a cerveja, nomenclatura de "artesanal", o produto desenvolvido. Neste conjunto de especificidades, o aumento de pequenos

empreendimentos busca, nas fraturas deixadas pelo mercado cervejeiro de consumo em larga escala (mainstream), inserir-se e sobreviver.

Com esta definição, nota-se que a grande maioria dos empreendimentos no Brasil caracterizam-se como pequenos e médios estabelecimentos dispersos de forma heterogênea no território. Logo, ao longo do início do século XXI, diversas empresas começam a surgir no horizonte do mercado cervejeiro, buscando diversificar a produção com base, principalmente, em características locais por meio de produtos especializados.

Assim, a renovação das microcervejarias engloba características vinculadas ao incentivo do consumo de produtos com base local e, neste sentido, não só movimentam a economia regional, mas também impulsionam o mercado por meio de estratégias de desenvolvimento territorial que possibilitam a sua manutenção como empresa.

No movimento em destaque, evidencia-se uma significativa concentração das cervejarias no eixo regional Sul-Sudeste do Brasil, sendo os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul os que mais possuem cervejarias no país cadastradas no MAPA. No que concerne ao estado do Rio Grande do Sul, esse desponta como o segundo maior detentor de empresas com registro no ano de 2020, totalizando 258 cervejarias (MAPA, 2020). Ademais, destacamos que o estado sulino e a região do Vale dos Rio dos Sinos possui uma histórica relação com este setor, sendo considerado um dos berços da produção de cerveja artesanal brasileira (DUARTE, LOURENÇO e FONTANA, 2019; MARCUSSO, 2021, PESAVENTO, 1983).

1.4 Justificativa

Com a finalidade de desenvolver o fortalecimento da temática dentro da Geografia Humana, a presente pesquisa possui como escopo a intersecção entre a Geografia Econômica e a Geografia Política. Para estruturar a justificativa da pesquisa, optou-se por dividir a mesma em dois momentos; No primeiro foi construído um estado da arte sobre a produção da Geografia Brasileira (dissertações de mestrado e teses de doutorado) através do Catálogo de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (CAPES) sobre o tema microcervejarias. Além disso, com o objetivo de analisar o que vem sendo pesquisado sobre o tema "desenvolvimento territorial" no Brasil, realizamos um levantamento tendo como base a Scientific Electronic Library (SCIELO).

A busca no site da CAPES foi realizada com base nos seguintes parâmetros: ano de publicação – Qualquer; tipos de trabalho – Dissertações e Teses; Grande área do conhecimento – Ciências Humanas; Área do Conhecimento – Geografia. Como palavra chave foi utilizado o termo “microcervejarias” devendo constar a mesma nos títulos, palavras-chave ou resumos; Após o levantamento foram encontradas 02 dissertações e 02 teses.

Uma das dissertações, chamada a partir daqui de Dissertação 01, intitulada “Circuito espacial produtivo e círculos de cooperação no espaço do setor microcervejeiro no estado de São Paulo: uma proposta de estudo do processo de distribuição das cervejas especiais e artesanais” defendida no ano de 2019 na Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro (UNESP). O autor ressalta sobre o aumento do interesse da população sobre as ditas “cervejas especiais” no Brasil, doravante faz uma análise sob a ótica produtiva das microcervejarias e do setor cervejeiro no que o autor denomina de “rearranjo no circuito espacial da produção” e o “novo círculo de cooperação no espaço” (ROSALIN, 2019, p. 43).

A outra dissertação, denominada como Dissertação 02, é intitulada “As microcervejarias catarinenses: da gênese à dinâmica atual” defendida no ano de 2013 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Destacamos que esta dissertação de mestrado é a primeira na Geografia com tema microcervejarias. O

estudo tem seu enfoque no processo de formação e desenvolvimento das microcervejarias em regiões específicas do estado de Santa Catarina. O Autor analisa o fenômeno do processo histórico das pequenas propriedades mercantis e suas principais implicações no desenvolvimento econômico regional catarinense do seu surgimento até a atualidade.

A tese foi escrita na temática das microcervejarias, denominada, a partir daqui, como Tese 01, é intitulada “ESTUDO GEOECONÔMICO DO SETOR CERVEJEIRO NO BRASIL: ESTRUTURAS OLIGOPÓLICAS E EMPRESAS MARGINAIS” foi defendida no ano de 2016 na (UFSC). Aproveito para salientar que duas das três pesquisas com a temática sobre microcervejarias são da mesma instituição, a UFSC. Desse modo, concluímos que a referida universidade é referência nos estudos da temática microcervejeira na área da Geografia. A Tese 1, tem como principal objetivo demonstrar o que a autora chama de “dinâmica geoeconômica” da indústria cervejeira no Brasil, a partir de uma análise do seu sistema produtivo e outras particularidades.

A Tese 02 é recente, intitula-se “DA CERVEJA COMO CULTURA AOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA : UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL”. Foi defendida em 2021 na Universidade de Brasília (UNB). O autor faz uma brilhante análise sobre a historiografia da cerveja no mundo e no Brasil, além de analisar a noção de Cerveja como Cultura (CCC), caminho que o mesmo usa para criar um conceito que o próprio denomina de Territórios da Cerveja (TC).

Podemos perceber que tanto as dissertações como as teses em certo momento, ao longo do trabalho, pretendem analisar o surgimento do fenômeno microcervejeiro e suas especificidades, devido, justamente, a ser um processo contemporâneo na indústria e mercado brasileiro. Logo, observamos que a nível de pós-graduação em Geografia no Brasil existem poucas pesquisas que tenham como base as discussões sobre as microcervejarias. Ainda, referente ao estado do Rio Grande do Sul, não existe no repositório nenhuma trabalho com esta temática.

No que tange a busca e seleção de artigos científicos na base SCIELO por meio do termo Desenvolvimento Territorial, identificamos 115 documentos derivados da palavra-chave pesquisada. Assim, na primeira aproximação, antes mesmo de analisar especificamente a área temática da geografia, observa-se que o grande

campo que se destaca quando realizamos a pesquisa do termo desenvolvimento territorial é a sociologia. Tal área desponta com o maior número de artigos, pois, trata-se de outros conceitos sociológicos que, segundo Sachs (2004) estão embutidos no conceito de desenvolvimento, como, igualdade, equidade e solidariedade, em perspectivas intimamente ligadas ao social.

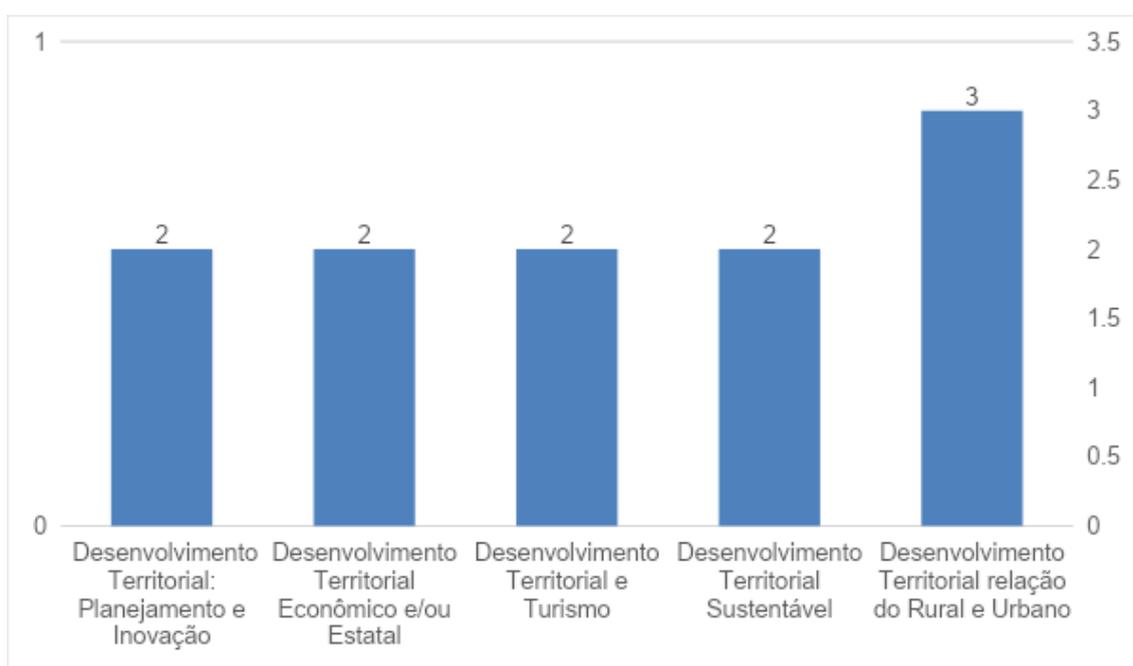
Em segundo lugar, em relação a quantidade, sobressaem-se áreas como a administração, desenvolvimento territorial e sistemas agrícolas, políticas públicas, entre outros. Após uma análise geral desses artigos, podemos perceber uma linha tênue entre várias pesquisas ligadas à área temática da geografia e o do gerenciamento. Tal conjuntura decorre tendo em vista as características atribuídas ao desenvolvimento, no entendimento daqueles autores, atreladas aos recursos disponíveis de determinado território com objetivo de impulsionar essas características para fins de potencializar a economia.

Após esta primeira análise foi realizada uma filtragem por meio de critérios que possibilitasse uma apuração detalhada da produção intelectual de artigos dentro da ciência geográfica. A palavra-chave “desenvolvimento territorial” foi filtrada por todos os idiomas disponíveis > área do conhecimento (Ciências Humanas) “AND” Áreas de Temática Geografia. Com estes parâmetros permaneceram 11 artigos selecionados, sendo dois em idioma inglês e os outros nove em português.

Desse modo, ao analisarmos individualmente os artigos selecionados, percebemos que o conceito de desenvolvimento territorial abordado em cada um perpassa várias correntes de discussões, envolvendo um maior foco em aspectos sociais, culturais, históricos e, também, naturais.

A partir da leitura, construímos 05 categorias que buscam evidenciar as principais temáticas trazidas pelos autores sobre a abordagem do desenvolvimento territorial, sendo elas: Desenvolvimento Territorial: Planejamento e Inovação; Desenvolvimento Territorial Econômico e/ou Estatal; Desenvolvimento Territorial e Turismo; Desenvolvimento Territorial Sustentável e, por último, Desenvolvimento Territorial relação do Rural e Urbano.

Gráfico 1: Temáticas do Desenvolvimento Territorial dos artigos da Scielo



Fonte: Base de dados da SCIELO. Organizado pelo autor.

A temática que desponta com maior intensidade nos artigos é a do Desenvolvimento Territorial na interface entre o Rural e/ou Urbano, sendo os temas tratados nestes artigos relacionados à: integração do agricultor rural ao agronegócio; o discurso do desenvolvimento territorial rural; a inclusão social e geração de empregos e renda; a agricultura camponesa e práticas agroecológicas numa abordagem territorial do desenvolvimento; assentamentos humanos rurais e as políticas públicas; e os objetivos do desenvolvimento territorial como fenômeno espacial inclusive em áreas metropolitanas de caráter multidimensional.

No que se refere a categoria "Desenvolvimento Territorial Econômico e/ou Estatal" destacamos forte influência econômica na análise desses artigos, caracterizando estudos sobre o mercado de trabalho e a produção local industrial como possível potencial gerador de desenvolvimento territorial. Além disso, também foi analisado em um dos trabalhos o papel da importância da dimensão territorial da Política de Coesão da União Europeia.

A categoria "Desenvolvimento Territorial: planejamento e inovação" traz como principal base de discussão a combinação de redes de conhecimento com características profundas na inovação do desenvolvimento territorial, mostrando um papel de renovação das instituições, através de uma discussão contemporânea de conhecimento e território. Assim como questões envolvendo o Estado-nação neste novo contexto social de forte mudança relacionados a governança nas políticas de planejamento.

Nas discussões centradas na categoria "Desenvolvimento Territorial e turismo", evidencia-se que os artigos focam na roteirização turística e sua relação com o desenvolvimento territorial de determinadas localidades. As duas pesquisas analisadas envolvem certo teor físico/rural das localidades, mas enquadram-se numa perspectiva do turismo como propulsor de uma lógica de desenvolvimento territorial.

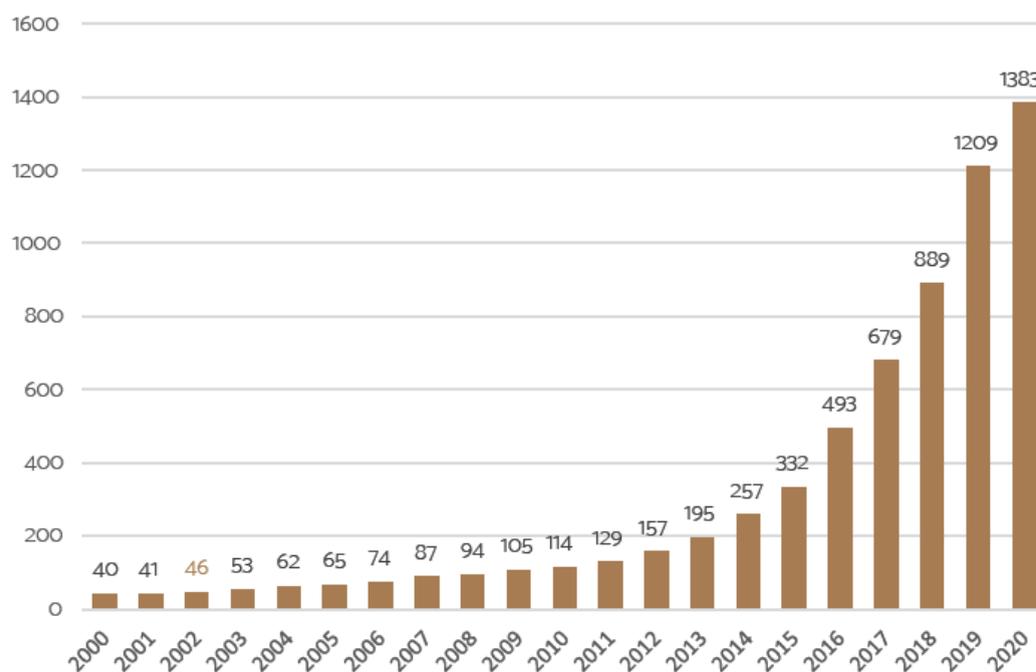
Por fim, o "Desenvolvimento Territorial Sustentável" traz o debate sobre áreas protegidas envolvendo uma conservação da biodiversidade. Além do mais, apresenta este conceito atrelado a uma visão do desenvolvimento humano por meio de uma visão holística do território e formas de gestão sustentável.

Assim podemos perceber diversas abordagens teóricas dentro do campo de pesquisa que envolve o conceito de desenvolvimento territorial. Tal conjuntura ocorre tendo em vista que o próprio conceito de desenvolvimento esteve ligado, historicamente, a assuntos que potencializaram a discussão econômica e, mais recentemente, ecológica. Com a análise dos artigos também podemos compreender que em nenhum deles a temática relativa a microcervejarias e desenvolvimento territorial é abordada, o que denota a importância de pensar este setor no Brasil e Rio Grande do Sul por meio desta perspectiva.

Após este momento, partimos para uma justificativa teórica. Neste sentido,

torna-se latente demonstrar que o setor microcervejeiro no Brasil vem crescendo exponencialmente, principalmente no século XXI. Conforme dados do Anuário da Cerveja produzido pelo MAPA (2020), o Brasil possui um total de 1.383 estabelecimentos produtores. (Figura 01)

Figura 1: Número de cervejarias registradas no Brasil na série histórica do MAPA



Fonte: MAPA, 2020.

Dentro deste universo, em sua grande maioria, os estabelecimentos cervejeiros são cadastrados como microempresas. No que tange ao Rio Grande do Sul, historicamente, podemos visualizar um acréscimo no número de cervejarias (Quadro 1).

Quadro 1: Número de cervejarias por ano no estado do Rio Grande do Sul

Ano	2016	2017	2018	2019	2020	Crescimento em %
Rio Grande do Sul	119	146	186	236	258	116%

Fonte: MAPA, 2021. Elaborado pelo autor.

Neste processo, compreende-se que há um movimento de ressignificação da produção e do consumo desta bebida, o que vincula-se de forma direta ao crescimento deste segmento e a simbologia construída em torno da cerveja. No que concerne o conceito de ressignificação, Souza e Teixeira (2009) destacam que o ser humano atribui significados a determinados objetos, mas não só a objetos, mas atribuem significado aos espaços, práticas, processos de produção de símbolos, modelando diferentes imagens espaciais:

Os “agentes modeladores”, ao produzirem espaço, não modelam apenas formas visíveis e palpáveis, diretamente. Os agentes sociais, ao protagonizarem processos e práticas de significação e ressignificação espacial (isto é, atribuição de significados aos espaços, às práticas e aos processos e produção de símbolos), também “modelam” imagens espaciais” (SOUZA; TEIXEIRA, 2009, p.33).

Por este motivo, os agentes constroem o que os autores denominam como identidade (espacial) e práticas de territorialização, ou seja, práticas de disputas de poder e controle da dimensão política de uma certa identidade, além da produção da subjetividade da mesma.

A ressignificação atrela-se não somente a atribuição de novos significados a práticas enraizadas na sociedade (como, por exemplo, o consumo de determinadas bebidas de grande massa) mas também no rompimento paradigmático por meio da inserção/construção de novas simbologias que contrapõe-se, muitas vezes, a lógica vigente.

Assim, apesar da oligopolização do setor e o controle do mercado consumidor por poucas empresas, podemos observar um crescente movimento de microempreendedores que buscam se inserir no mercado regional por meio de um processo de ressignificação da produção e do consumo cervejeiro. Este ocorre em diversas escalas, desde a local a nacional conforme apontam os autores Carlson e

Wehbring (2011); Giorgi (2015); Limberger & Tulla (2017).

Sendo assim, o desenvolvimento territorial possui significativa relevância para compreender o fenômeno microcervejeiro, tendo em vista que sua abordagem está relacionada com a realidade efetiva de determinado local, possuindo como base as características que cada grupo social desenvolveu.

1.5 Objetivos

Objetivo geral

Analisar o processo de ressignificação da produção microcervejeira na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo/RS, buscando compreender as dinâmicas produzidas por este movimento e sua relação com o de desenvolvimento territorial.

Objetivos específicos

- Definir o conceito desenvolvimento territorial e sua relação com a produção microcervejeira;
- Analisar a historiografia das cervejarias no Rio Grande do Sul e no recorte empírico de análise;
- Compreender as dinâmicas do setor microcervejeiro na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo/RS;
- Analisar o processo de ressignificação do mercado cervejeiro na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo e sua relação com o desenvolvimento territorial.

2 Metodologia

A presente dissertação, possui como base metodológica 06 etapas de realização:

1ª etapa: O referencial bibliográfico

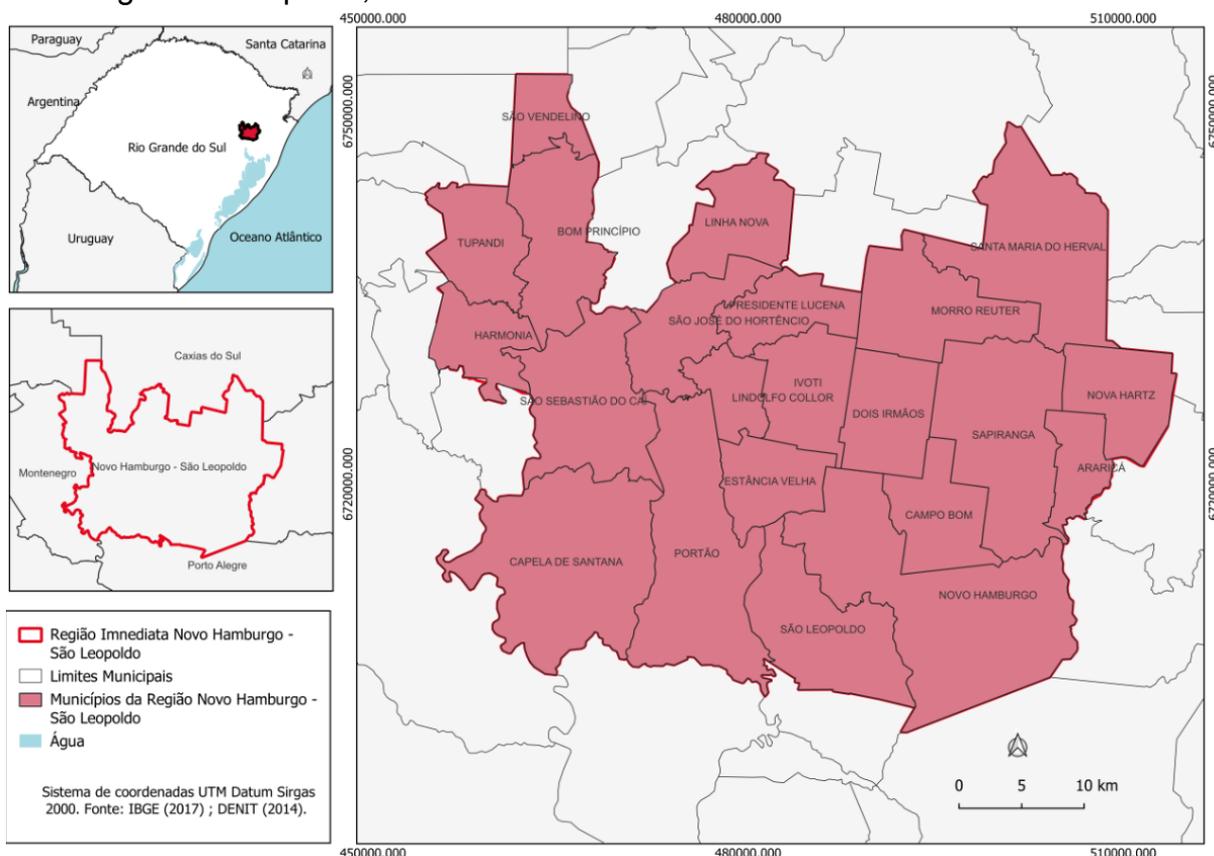
No primeiro momento foi construído uma revisão bibliográfica acerca da formação das cervejarias no Rio Grande do Sul e na região do Vale do Rio dos Sinos. Para construir esta análise, foi elaborada uma busca por informações acerca do setor por meio de diversas fontes documentais, como por exemplo: livros, websites, jornais impressos, revistas científicas, dados oficiais, entre outros.

Neste sentido, para a construção desta pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos acerca das temáticas que circundam o objetivo geral, sendo elas: microcervejaria, território, territorialidade e desenvolvimento territorial. Se destacam como autores basilares da pesquisa, Saquet (2009, 2011, 2001), Saquet e Briskievicz (2009), Souza (2009 e 2018); Haesbaert (2009 e 2016); Chelotti (2010); Hall (2006); Pollice (2010); Pecqueur (2005); Sachs (2004).

2ª etapa: Recorte espacial da pesquisa

Para fins de recorte espacial, a presente pesquisa definiu como base a região imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, o recorte se definiu orientado pela lista de regiões geográficas intermediárias e imediatas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em vigência desde 2017. O IBGE representa um dos maiores e mais antigos órgãos federais do Brasil, além de ser um dos pioneiros nos estudos sobre as diversas realidades regionais do país.

Figura 2: Mapa de localização dos municípios da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo, Rio Grande do Sul/Brasil



Fonte: IBGE (2017); DENIT (2014). Organizado pelo autor.

A região geográfica imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo é composta por 22 municípios, sendo eles: Araricá, Bom Princípio, Campo Bom, Capela de Santana, Dois Irmãos, Estância Velha, Harmonia, Ivoti, Lindolfo Collor, Linha Nova, Morro Reuter, Nova Hartz, Novo Hamburgo, Portão, Presidente Lucena, Santa Maria do Herval. São José do Hortêncio, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Sapiiranga e Tupandi. Salientamos que a escolha deste recorte empírico justifica-se tendo em vista não só a historicidade relacionada a produção cervejeira no estado do Rio Grande do Sul, mas também ao número elevado de microcervejarias que surgiram na região no século XXI.

3ª etapa: Levantamento de dados.

Após a escolha do recorte espacial, realizamos o levantamento das microcervejarias da região geográfica imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo. Como base cadastral, utilizamos os dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento (MAPA, 2021), nos quais elencamos todas as cervejarias do estado e selecionamos as que estão localizadas dentro do nosso recorte espacial.

Posteriormente, para buscar informações de base qualitativa sobre as microcervejarias visitamos seus websites e mídias sociais (facebook e Instagram), objetivando compreender quais seus principais produtos, áreas de atuação, formas de divulgação das cervejas, inspiração acerca da escolha do nome da empresa, historia da microcervejaria, entre outros.

4ª etapa: Espacialização dos dados

Após realizarmos o levantamento de dados, os mesmos foram tabulados individualmente com o auxílio do software Microsoft Office Excel e espacializados por meio do software de sistema de informação geográfica livre e aberto chamado Quantum GIS (QGIS).

5ª etapa: Elaboração da entrevista e pesquisa de campo.

A partir dos pressupostos teóricos elencados anteriormente, elaboramos o questionário semi-estruturado, com características quali-quantitativas que visam englobar o objetivo geral do presente projeto (Apêndice 01). Vencida a etapa do levantamento de dados e elaboração do questionário, partimos efetivamente para a pesquisa de campo. Nesta, realizamos a aplicação do questionário aos representantes das empresas em formato online.

6ª etapa: Sistematização e análise dos dados

Como última etapa ocorreu a sistematização dos dados extraídos na pesquisa de campo. Para a execução desta etapa utilizamos os seguintes softwares: Microsoft Office Excel para construir um banco de dados a partir das respostas quantitativas das entrevistas; e para a análise qualitativa foi utilizado o método da análise textual discursiva.

O método da Análise Textual Discursiva (ATD) “é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa, que são a análise de conteúdo e a análise de discurso” (MORAES e GALIAZZI, 2006, p.118). Desta maneira, a ATD seria um híbrido das duas formas

mencionadas anteriormente. A utilização deste método trata-se de uma ferramenta aberta, exigindo dos usuários aprender a conviver com uma abordagem que exige constantemente a (re)construção de caminhos. (MORAES e GALIAZZI, 2006, p.120).

Realizamos o que os autores denominaram de articulação de significados (MORAES e GALIAZZI, 2006, p.118). Esta fase se dá perante a categorização das unidades de significados reunidas anteriormente. Este caminho nos levou à formação de categorias de análise do discurso e do conteúdo. Na análise discursiva, este processo se caracteriza pela passagem das ideias empíricas para o desencadear teórico.

Abaixo apresento um organograma das etapas para fins didáticos (Figura 3):

Figura 3: Organograma metodológico do projeto.



Fonte: Organizado pelo autor.

3 Fundamentação Teórica

3.1 O conceito de território na ciência geográfica: do material ao simbólico.

O conceito de território, ao longo de sua história, ressignifica-se não só na Geografia, mas também em várias outras áreas das ciências humanas que apoderam-se dessa concepção, como a História, Ciência Política, Ciências Sociais entre outras, como aponta Haesbaert (2004).

Historicamente, a Geografia Clássica construiu uma definição conceitual acerca do território em uma perspectiva predominantemente material. Friedrich Ratzel (1844-1904) é um dos precursores desta perspectiva de vínculo estreito com o solo (“*boden*”) e seus fundamentos materiais que balizam sua teoria de Estado, considerando este conceito como “uma fração de humanidade e uma fração de solo” (RATZEL, 2011, p. 51). Este vínculo é definido por essa dualidade, concebendo o território através de símbolos comuns que moldam a sociedade e sua história como patrimônio genético e de caráter homogeneizante de um determinado povo.

A geografia política seguiu em grande medida ao longo de sua história a perspectiva reducionista do território enquanto base material do Estado-Nação, ocasionando:

A naturalização do Estado e do espaço pelo determinismo geográfico e a reação extrema a essa postura criam, assim, um impasse para a análise das relações entre o espaço, o político e a sociedade em geral” (BECKER, 2012, p. 118)

A crítica da autora denota o teor simplista destas análises materialistas, pois, a caracterização de outras escalas no processo de projeção das relações de poder no espaço acabaram negligenciadas. Percebemos então que a naturalização reforçou ainda mais determinados fatores, produzindo “todo um conjunto de técnicas e de um saber que instrumentalizam e pesam o espaço a partir da ótica do Estado” (BECKER, 2012, p. 119).

Becker não é a única autora que apresenta tal discussão; Marcelo Lopes de Souza (199; 2000; e 2016) em várias ocasiões apresenta visão semelhante, , expressando uma série de sentimentos e desconfortos perante este conceito: “A palavra território normalmente evoca o ‘território nacional’ e faz pensar no Estado –

gestor por excelência do território nacional” (SOUZA, 2000, p. 51)

No campo epistemológico a Geografia, ao longo da história, enfatizou quase que exclusivamente a dimensão material do território (SOUZA, 2018), pois as escolas clássicas acreditavam que questões simbólicas e imateriais estariam mais atreladas a outros conceitos (como os de paisagem e lugar). Consequentemente, este fato foi determinante para algumas áreas da ciência geográfica se distanciarem deste conceito. Ainda assim, Haesbaert (2016) aponta que os conceitos de paisagem e lugar estariam unidos com mais intensidade nas territorialidades e nos simbolismos:

O que não quer dizer que muitos dos debates sobre paisagem e, especialmente, sobre lugar, não encontrem vários pontos de correspondência com aqueles relativos ao território e, especialmente, a territorialidade (HAESBAERT, 2016, p. 71)

Compreendemos então a territorialidade como conceito profundamente ligado ao lugar nessa concepção, além do simbolismo atrelado a identidade territorial de cada grupo ou indivíduo. Alguns autores apontam esta perspectiva como uma visão teórica e ideal-simbólica do conceito de território, conforme nos demonstra Haesbaert (2016).

A partir das diversas concepções/noções de território, o autor Haesbaert (2016) sintetizou por meio de suas pesquisas as três vertentes básicas que permeiam as discussões sobre este conceito:, sendo elas a política (por meio da discussão que afirma o território como um espaço delimitado por um determinado poder); a cultural (que busca no processos simbólicos do espaço compreender as diversas manifestações subjetivas que produzem as territorialidades); e a econômica (a qual analisa o território como fonte de recursos).

Avançando na concepção de território por meio de uma perspectiva integral de análise, Saquet (2011) destaca que as características sociais são históricas e relacionais, multidimensionais e multiterritoriais, compreendendo o território como uma construção a partir de diversas formas de apropriação do espaço. Tal conjuntura é decorrente das relações de poder que envolvem as diferenças, desigualdades e as identidades culturais.

Assim, compreende-se que a análise territorial é atravessada pelos símbolos,

signos e pertencimentos que caracterizam a construção de um poder simbólico projetadas no espaço. Os territórios tornam-se imprescindíveis na construção das identidades, pois as reproduções/forças culturais demonstram-se como consequência dos processos de territorialização (POLLICE, 2010).

Seguindo uma abordagem multiescalar deste conceito, Saquet e Briskievicz (2009, p. 15) apontam que “território, territorialidade e identidade acontecem simultaneamente e, nesta concepção, há um condicionamento mútuo entre território-identidade-desenvolvimento”. O condicionamento mútuo apontado reside na questão de preservar ou não os traços de identidade e iconográficos de cada território.

Para Haesbaert (2016) o enfrentamento atual na conceituação do território é dirigido por dois sistemas de valores, o primeiro atrelado a historicidade do conceito no seu surgimento, estreitamente unido ao Estado como apontou Becker (2012) e Souza (2010); a segunda a uma lógica pós-moderna, apontando o conceito, também, através da perspectiva imaterial atrelada a produção de processos de identificação e sua dimensão representativa do valor simbólico.

É importante salientar que o conceito de poder encontra-se no âmago da abordagem territorial; tal perspectiva é apresentada por Souza (2009 e 2018) que, numa primeira aproximação, define o território “por e a partir das relações de poder” (SOUZA, 2009, p. 59). Nesta perspectiva, Haesbaert (2016, p. 93) afirma que território resulta da “interação diferenciada entre as múltiplas dimensões desse poder”.

Frente a essa problematização e diversas interpretações sobre o conceito de território, o presente trabalho aproxima-se da concepção de Saquet (2009):

O território é produto social e condição. A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização. O território é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial, em manchas e redes. (SAQUET, 2009, p. 90)

Por meio desta perspectiva, percebe-se o caráter multidimensional e multiescalar deste conceito, sendo o mesmo uma "construção coletiva e multidimensional" (SAQUET, 2009, p. 81). Logo, o território sempre encontra-se em movimento, fonte das transformações das relações humanas e suas inúmeras

formas de manifestar-se no espaço, como destaca Souza (2018), Saquet e Briskievicz (2009) e Saquet (2009).

3.2 O conceito de desenvolvimento.

O conceito de desenvolvimento surge com maior afinco de discussões teóricas no período histórico do pós Segunda Guerra Mundial (1939-1944), em um contexto de preparação para a reconstrução da Europa no pós-guerra (SACHS, 2004). Destacamos que tal processo desenrola-se principalmente nos países periféricos europeus (leia-se países do Leste Europeu), principalmente articulado por uma ideia de centralização política voltado a conter a influência dos soviéticos na região.

Os problemas enfrentados por esses países eram semelhantes a qualquer outro Estado periférico do mundo para o contexto da época, os quais eram evidenciados pelas altas taxas de desemprego, baixa industrialização, subemprego, elevada inflação, entre outros. Neste sentido, segundo Sachs (2004), surgem os ideais de Estado desenvolvimentista ativo. A primeira geração dos economistas do 'desenvolvimento' foi inspirada nas condições de gestão dos governos da época. Não podendo, assim, ignorar a importância do Estado de bem-estar social, prevalência do planejamento econômico e intervenção estatal na economia.

Neste contexto, salienta-se que o termo foi contaminado com o discurso ideológico capitalista e, desse modo, o "desenvolvimento" foi "capturado pelo economicismo" presente no pós Segunda Guerra Mundial. Esteva (2010) corrobora com essa visão e acrescenta que no final deste grande conflito armado os Estados Unidos da América haviam, formidavelmente, se transformado numa máquina de produção mundial jamais existente no planeta. Ressaltamos que esta perspectiva não é exclusiva da hegemonia militar deste país, mas também derivado do forte poder econômico e da influência cultural na escala política global que foi (e ainda é) exercida.

Como exemplo da importância deste país, Esteva (2010) cita o discurso do

presidente dos EUA Harry S. Truman, proferido no dia 20 de Janeiro de 1949, o qual segundo o autor deu início a era do "desenvolvimento". Nesta fala, o então chefe da nação Estadunidense utiliza a palavra subdesenvolvimento para referir-se a países e/ou áreas que não estavam no mesmo pé de igualdade industrial e científica que os EUA. O autor citado aponta que foi a primeira vez que tal palavra foi usada neste contexto, consolidando, assim, a hegemonia Estadunidense.

Salientamos contudo que, conforme apontam Souza (2018) e Esteva (2010), enxergar os países centrais como “desenvolvidos” e modelo do modo atual de produção, como “um lugar a se chegar”, é perder o sentido do valor cultural e da historicidade particular de cada país “periférico”. Ainda, conforme aponta Furtado (1974) acreditar no pleno "desenvolvimento econômico" centrado na perspectiva capitalista de igualdade entre nações torna-se um mito:

Pelo menos 90 por cento do que aí encontramos se funde na ideia, que se dá por evidente, segundo a qual o desenvolvimento econômico, tal qual vem sendo aplicado pelos países que lideram a revolução industrial pode ser universalizado [...] Essa ideia constitui, seguramente, uma prolongação do mito do progresso, elemento essencial à ideologia diretora da revolução burguesa, dentro da qual se criou a atual sociedade industrial (FURTADO, 1974, p. 14)

Segundo Sachs (2004) e Souza (2018) a partir dos anos 1970, há teorias alternativas acerca do termo desenvolvimento e, assim, observa-se uma atenção generalizada para a problemática ambiental, fato esse que levou a uma reconceitualização do conceito de desenvolvimento, agora voltado para a área ecológica. Esta nova categoria aponta como centralidade a preocupação com as gerações presentes e futuras, tendo como ideias basilares a sustentabilidade social e ambiental, além de uma viabilidade do ponto de vista econômico.

Posto isso, a ideia central da evolução histórica da ideia e do conceito de desenvolvimento, na última metade do século XX, segundo Sachs (2004) é a “complexificação pela adição de sucessivos adjetivos” como econômico, cultural, social, político, cultural, sustentável e, por que não, territorial. Devido a emergência de novas problemáticas e paradigmas a serem discutidos envolvendo políticas públicas, construções de atores e suas mobilizações.

Numa abordagem geográfica recente, Saquet (2011) busca redefinir este termo, tratando tal perspectiva por meio da ideia de movimento e atrelando o desenvolvimento ao território.

O pensamento precisa estar sempre em movimento para compreender os movimentos do território e do desenvolvimento. Movimentos de superação sem eliminar o velho, contido sempre no novo com as novas formas e significados urbanos e rurais” (SAQUET, 2011, p. 6)

O autor também faz uma comparação dos dois conceitos, na qual descreve que ambos convergem para um mesmo sentido na atualidade. Ambos são relações sociais, conflitos, contradições e interações que não são homogêneas, muito pelo contrário, são desiguais e possuem diferenças relacionais e multidimensionais. Sachs (2004) e Saquet (2011) convergem no que tange definir o conceito de desenvolvimento como aberto por natureza.

Para Saquet (2011) tanto o território quanto o desenvolvimento são:

Processos históricos, relacionais e multidimensionais contendo relações de poder, identidades, redes e a natureza exterior ao homem, bem como todas as relações imanentes à nossa vida cotidiana (SAQUET, 2011, p. 07)

Toda essa gama de conceitos culmina no que o autor denomina de *múltiplas determinações* do território e do desenvolvimento. Assim como o território, procuramos desprender o desenvolvimento de suas amarras tradicionais e fundamentalistas que travam o conceito quase como um sinônimo de crescimento econômico, como bem apontou Sachs (2004) e Furtado (1974). Esta visão economicista de mercado enraiza a ideia de que o desenvolvimento visa apenas a multiplicação das riquezas materiais geradas pelo ser humano.

Portanto, o termo de desenvolvimento, para além de uma base teórica e concreta que enclausura tal palavra, é abordado na presente pesquisa por meio de uma abordagem multidimensional, visando uma discussão que propõe compreender uma aproximação democrática que objetiva auxiliar no processo de autonomia dos atores sociais dentro do sistema capitalista.

Nesta perspectiva, concordamos com Souza (1994;1996), o qual aponta que para ampliar a análise sobre desenvolvimento, torna-se premente compreender a

ideia de autonomia. Logo, este conceito encontra-se atrelado à ideia de liberdade e diminuição das desigualdades: "Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir seu próprio território" (SOUZA, 1996, p. 106).

3.3 O conceito de desenvolvimento territorial e sua relação com a produção microcervejera

A partir das ideias discutidas sobre território e desenvolvimento, procuramos neste momento construir nossa análise sobre o desenvolvimento territorial e sua relação com a produção microcervejera. Partimos da premissa que cada recorte espacial possui uma realidade complexa e que sua análise deve atrelar-se às características sociais, culturais, históricas e naturais, conforme aponta Carrière e Cazella (2006).

O território apresenta-se como uma realidade/unidade ativa, possuindo características específicas construídas pelos atores sociais que ali estão inseridos. O desenvolvimento territorial está vinculado com a realidade efetiva, devendo ser baseado nas características ímpares que cada grupo social desenvolveu. Essas características possibilitam a construção de processos de identificação e conforme indicam Carrière e Cazella (2006, p. 32): "trata-se de permitir que valores, por vezes simbólicos, acabam se transformando em recursos socioeconômicos indutores de novas estratégias de desenvolvimento" (2006, p. 32).

Estes valores estruturam-se por meio de estratégias locais de pequenos produtores que, no caso das microcervejarias, buscam se inserir no mercado regional. Assim, observa-se uma "economia territorializada" (SANTOS, 2003), a qual está vinculada diretamente a redes de solidariedade espaciais entre os atores que praticam tais atividades,

Nesta lógica, as microcervejarias representam um importante empreendimento para o desenvolvimento e consolidação de uma economia local, sendo este fenômeno apontado por Schnell & Reese (2014) como "neolocalismo". Esta perspectiva vincula-se à tentativa consciente dos indivíduos ou grupos de estabelecer, reconstruir e cultivar laços locais, identidades locais, e cada vez mais,

economias locais. (SCHNELL & REESE, 2014, p. 168, tradução nossa²)

Os autores mencionados realizaram um estudo sobre a renovação das microcervejarias nos Estados Unidos da América³ e apontam para o desejo dos consumidores entrevistados de quebrar com a sufocante homogeneidade na qualidade da cerveja industrial, além de reestabelecer conexões com a comunidade local e suas economias.

Logo, a dinâmica de renovação das microcervejarias têm como um de seus pilares a necessidade de recuperar os laços do consumo com a cultura de determinado recorte espacial, produzindo um processo de identificação com a cerveja, a cervejaria e a produção. Marcusso (2021, p. 151) destaca que um território cervejeiro é constituído por relações de poder projetadas no espaço por meio de atores individuais e/ou coletivos, "para os quais a cerveja é um elemento de mediação que cria e dá sentido a seus cotidianos e formas de vida", produzindo múltiplas territorialidades não só dos consumidores, mas também dos produtores.

Segundo Saquet e Briskievicz (2009) a territorialidade e suas dinâmicas são "o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para reorganização da vida quotidiana" (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 8). Logo, seguindo esta análise teórica e as explicações de Schnell & Reese (2014) acerca da identidade cervejeira, torna-se imprescindível relacionar o desenvolvimento territorial ao processo de construção identitária.

A discussão sobre identidade na pós-modernidade perpassa por novas relações do indivíduo com o coletivo e suas influências no âmbito social. A existência de diversas concepções do conceito identidade derivam dessas relações, tendo em vista que a "categoria identidade é utilizada nos estudos da Psicologia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, História e, mais recentemente, na Geografia

² Em inglês, no original "This tendency is a movement termed "neolocalism," defined as the conscious attempt of individuals and groups to establish, rebuild, and cultivate local ties, local identities, and increasingly, local economies"

³ Mesmo os Estados Unidos da América (EUA) apresentando realidades locais e socioculturais diferentes, o estudo de Schnell & Reese (2014) se mostra importante, devido às grandes similaridades acerca da renovação das identidades microcervejeiras de ambos países. Isso se dá, pois, os EUA foi o pioneiro mundial do movimento de renovação das microcervejarias, em meados da década de 1980.

Humana". (CHELOTTI, 2010, p. 171)

A Geografia Humana apoderou-se dos estudos relacionados à identidade devido à recente emergência das análises na perspectiva cultural, fruto da renovação epistemológica desta ciência. A construção dos processos de identificação remetem a uma possibilidade de produção de diferentes organizações simbólicas no território, produzindo uma série de signos e símbolos que formam/modelam a construção do território e, também, do desenvolvimento territorial por meio da produção microcervejeira.

Schnell & Reese (2014) apontam que as microcervejarias, propositadamente, fortaleceram-se do desejo de se conectar com o local através da identidade para criar empreendimentos e cervejas que dão ênfase a um público-alvo específico. Estes empreendimentos, muitas vezes, tornam-se importantes fomentadores de "identificação com o lugar" e suas comunidades locais/regionais, algo que também acontece no contexto brasileiro.

Seguindo a perspectiva teórica do autor Pecqueur (2005), compreende-se que o desenvolvimento territorial vincula-se diretamente à produção dos processos de identificação.

O desenvolvimento territorial designa todo o processo de mobilização dos atores que leve à elaboração de uma estratégia de adaptação aos limites externos, na base de uma identificação coletiva com uma cultura e território. (...) Em resumo, o desenvolvimento territorial não pode ser implantado por decreto; permanece uma construção dos atores. " (PECQUEUR, 2005, p. 12)

Desse modo, podemos identificar que o caráter de diferenciação e adaptação desses atores, por meio da produção e do consumo de produtos que carregam consigo uma simbologia, proporcionam a construção de estratégias que possibilitam a autonomia do local frente aos processos hegemônicos. "Em todos os casos os atores se verão confrontados com a necessidade que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida" (SOUZA, 1996, p. 110).

É importante apontar o caráter de especificidade do desenvolvimento

territorial, pois as características de diferenciação e especificação que aqui salientamos são características pontuais e próprias de determinado território, ou melhor, específicas dos atores que compõem aquele território. Saquet e Briskievicz (2009), indagam sobre o conceito de desenvolvimento territorial que busca a consolidação de:

Um patrimônio construído que precisa ser valorizado e pode ser potencializado para o desenvolvimento territorial considerando a multidimensionalidade, ou seja, os elementos culturais, econômicos, políticos e ambientais (SAQUET e BRISKIEVICZ, 2009, p. 14)

Nesta perspectiva, compreendemos o conceito de desenvolvimento territorial como algo fluído, relacional, multidimensional e multifacetado centrado nos pilares políticos (de autonomia sociais), econômicos, culturais e ambientais. Analisando as facetas desse fenômeno revolucionário microcervejeiro, podemos compreender como as dinâmicas territoriais locais e regionais vem transformando as relações entre os atores sociais e sua cultura local por meio da produção e do consumo de cerveja, sendo as microcervejarias pequenos empreendimentos que, a partir de um processo de identificação, transformam-se em um possível pilar que dinamiza/ produz o desenvolvimento territorial.

4 O CONTEXTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA PRODUÇÃO CERVEJEIRA: da escala mundial a Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo.

4.1 Uma breve história da cerveja no mundo

O intuito deste subcapítulo é demonstrar como a cerveja, em escala mundial, se tornou um produto industrializado, tendo em vista que seu surgimento está intimamente ligado à produção artesanal. Para isso, nos apoiaremos em Lavinsky (2017), Dantas (2016) e Meussdoerffer (2009).

Para a produção de cerveja é necessário alguns conjuntos de técnicas fundamentais, como: grãos adequados, ter o domínio do fogo para ser usado como fonte de energia, outros materiais apropriados para condicionar as matérias-primas, além do conhecimento necessário para lidar-se com os grãos, armazená-los e germiná-los em diversos processos diferentes. Meussdoerffer (2009) afirma que tal conjunto de técnicas não são encontradas em nenhuma civilização anterior há 5000 anos antes da nossa era.

Mesmo assim, alguns dos primeiros indícios de uma bebida que assemelha-se com a cerveja, segundo Dantas (2016) é encontrado há cerca de 30 mil anos antes da nossa era, por meio da fermentação não intencional. A autora aponta que tal processo está ligado com a história do pão (alimento que também é desenvolvido através da fermentação de grãos), pelo motivo da bebida ser feita com, similarmente, os mesmos ingredientes, especula-se que algo parecido com a cerveja tenha sido descoberto dessa forma.

Lavinsky (2017) aponta para uma perspectiva histórica que o autor chama de “sentidos da cerveja”, visto que, os gregos antigos consideravam povos que bebiam cerveja como “bárbaros”, pois a bebida considerada “civilizada” era o vinho. Ademais, o processo de fermentação era visto com maus olhos, pois era entendido como o apodrecimento de grãos e vegetais.

O preconceito dos gregos a esse respeito foi adotado pelos romanos, que encontraram bebedores de cerveja nas chamadas Hispânia, Britânia e Germania, regiões que preservaram o consumo de cerveja em grandes quantidades mesmo sob o império romano. (LAVINSKY, 2017, p. 52)

Ainda, segundo o autor, tais disputas socioculturais e políticas no referido mundo antigo europeu acabou fortalecendo o cultivo de grãos e vegetais por todas as regiões supracitadas. Os contatos entre os povos formaram novos hábitos e concepções próprias de determinados lugares para o uso da cerveja.

Com a fusão de culturas e tradições germânicas em boa parte do então território controlado pelo Império Romano, a Igreja Católica tomou uma posição predominante em “tempos turbulentos”⁴ Meussdoerffer (2009), mudando seu comportamento perante a cerveja por volta dos séculos VI e VII. Além disso, Meussdoerffer (2009) aponta que no século VIII foi estabelecida uma norma de que cada monge deveria ingerir uma taça de vinho por dia, se vinho não estivesse disponível era substituído pela cerveja.

Após os “tempos turbulentos” e todos os desdobramentos político/administrativos, além da aquisição do “saber- fazer” desenvolvendo-se, os monastérios se tornam os principais centros produtores de cerveja no mundo. Lavinsky (2017) aponta que a estrutura interna se dividia em três unidades de produção:

Uma para produzir cerveja para os convidados nobres; uma para o consumo diário dos monges; e outra para peregrinos e pobres. Foi nos monastérios que se produziu o primeiro registro de uso de lúpulo na cerveja, e eles foram os únicos estabelecimentos a produzir cerveja em uma escala mais próxima da comercial até os séculos XII ou XIII. (LAVINSCKY, 2017, p. 53)

Provavelmente entre os séculos XII e XIII começa a produção de uma cerveja com uma maior carga de técnica, ocorrendo uma avanço industrial do processo produtivo (como o desenvolvimento de marcas e mercados cervejeiros), diferente do que era conhecido e concebido como cervejas pelos ancestrais. Meussdoerffer (2009).

⁴ Meussdoerffer (2009) atribui o termo “turbulent times” em inglês, no original, para o período do fim do Império Romano do Ocidente após a tomada/invasão das tribos Germânicas, dominando, assim, o império. É importante salientar que o autor aponta, também, para o papel de poder da Igreja Católica nesse período turbuloso. Ainda salienta que a instituição foi capaz de conservar o imenso conhecimento em medicina, ciência e técnicas compilados pelos Romanos, isso, aplicava-se, também, para as técnicas de produção de cerveja, nas quais os monastérios teriam um papel muito importante nos próximos séculos.

À medida que as cidades cresciam, a demanda também aumentava. Para suprir esta lacuna, as novas cervejarias precisam se especializar e profissionalizar para aumentar sua produção, o que foi possível devido ao investimento em insumos e equipamentos. Meussdoerffer (2009) aponta que a divisão do trabalho em conjunto com a especialização da mão de obra foi a maior prova de que uma economia urbana consolida-se vinculada diretamente à história da cerveja.

Assim temos a passagem de uma cervejaria que era feita artesanalmente para uma cervejaria profissional e, por consequência, mais rentável. Rapidamente os artesãos responsáveis pela produção de cerveja organizaram-se em corporações autônomas chamadas de guildas, as quais possuíam muita força política, pois representavam todas as cervejarias e podiam criar regulamentos e impor multas para quem não as respeitava. O autor Meussdoerffer (2009) aponta que até o século XVI inúmeras guildas foram criadas em quase todas as cidades da Europa, e ainda possuíam influência em vários estados até o início do século XIX.

A partir disso temos o início da formação de grandes oligopólios produtivos, apoiados pelos governos. As grandes empresas fabricantes de cerveja estavam protegidas pelo Estado, tendo em vista que esta estrutura produziu ao longo da história diversas barreiras administrativas para dificultar os pequenos produtores: “para obter proteção, às grandes empresas da indústria cervejeira se colocavam em condição de pagar os altos impostos tal como cobrados” (LAVINSCKY, 2017, p. 56). Partindo da lógica, forma-se em parte as grandes empresas do setor cervejeiro na atualidade, responsáveis em grande medida por formar grandes oligopólios produtivos que detém a hegemonia do mercado mundial, como, por exemplo, algumas empresas já citadas, AB InBev (Bélgica), Heineken (Países Baixos), Chinas Res. Snow Breweries (China) e Carlsberg (Dinamarca), segundo o relatório BarthHaas (2021).

4.2 A história da cerveja no Brasil: do consumo local a uma das maiores referências do mercado mundial.

O acesso a algumas bebidas alcoólicas evidencia na história do Brasil, em grande medida, a segmentação e exclusão social de determinados grupos que não detinham poder econômico para adquirir tais produtos. Como destaque, salienta-se o vinho e a cerveja como mercadorias nobres, importadas e endereçadas a populações com maior poder aquisitivo. No decorrer do tempo, principalmente nos séculos XVIII e XIX, o consumo de bebidas alcoólicas em larga escala restringia-se a aguardente originária da fermentação da cana-de-açúcar.

As mudanças no mercado de bebidas que deram origem à produção da cerveja no Brasil⁵ em maior escala centram-se em dois eventos históricos: a abertura dos portos no ano de 1808; e o início do processo de imigração alemã. O primeiro está relacionado ao contexto das guerras napoleônicas (1803 a 1815) e a carta régia assinada pelo Príncipe-regente de Portugal Dom João de Bragança, que possibilitou a abertura dos "portos do Brazil ao commercio directo estrangeiro com excepção dos gêneros estancados" (BRAGANÇA, 1808).

A partir disso, vários produtos, incluindo a cerveja, passaram a ser importados para o Brasil. Este processo serviu como um novo horizonte econômico para o país. Conforme destaca Sérgio de Paula Santos (2004, p. 11) "antes desta data, a cerveja consumida no país, vinha contrabandeada, para o Recife, para o Rio de Janeiro e Salvador".

O ano de 1808 é emblemático, a vinda da família real para o território nacional, a qual traz consigo várias estruturas físicas, transformando acordos anteriormente vigentes no país, transformando a configuração territorial produtiva em solo nacional. Além de impactar diretamente na organização sócio-produtiva, tendo em vista que uma das normativas adotadas foi a abertura dos portos para nações "amigas": "primeiro, que sejam admissíveis nas Alfândegas do Brasil todos e quaisquer gêneros, fazendas, e mercadorias transportadas, ou em navios

⁵ Conforme apontam Rotolo e Marcusso (2019) a primeira cervejaria brasileira teve origem no atual estado do Recife no ano de 1641.

estrangeiros das potências que se conservam em paz e harmonia com a minha Real Coroa” (Carta régia de 28 de janeiro de 1808. p. 01)

Nessa perspectiva, a Inglaterra no início do referido século, era o maior produtor europeu de cerveja, possuía grande influência comercial e cultural com Portugal, estendendo a mesma a partir de 1808 ao território nacional. O país demonstrava laços estreitos com a coroa portuguesa, e assim dominava o mercado brasileiro. Como aponta Sérgio de Paula Santos (2004) a cerveja inglesa predominou no Brasil até os anos setenta do século XIX, sendo confrontada pela produção alemã e substituída de maneira gradual pela indústria cervejeira nacional.

Com a chegada dos imigrantes, principalmente alemães, aos centros urbanos do Sudeste e o deslocamento destes para as áreas de colônias, na região Sul por exemplo, configuram-se novas relações produtivas, tendo em vista o conhecimento destes atores com os processos industriais existentes na Europa e sua possível reprodução no Brasil. Com relação à produção cervejeira, algumas empresas familiares vão surgir nos centros e nas regiões periféricas do Estado; um dos primeiros documentos que relatam produção de cerveja nacional voltada para a comercialização é datado por meio do anúncio de uma empresa localizada no Rio de Janeiro no “Jornal do Comércio”, em 27 de outubro de 1836 (PAULA et al. 2012).

Neste movimento, nos meandros do século XIX, mais especificamente no ano de 1824, temos a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, aglomerando-se, principalmente, no Rio Grande do Sul. Conforme aponta Franz (2020) e Brum Neto (2012). A imigração para o referido estado está relacionada ao incentivo de políticas específicas que visam ocupar áreas devolutas.

Concomitante com esse fator, o mercado cervejeiro brasileiro em ascensão proporcionou o surgimento de diversas empresas distribuídas por todo o território nacional ao longo do século XIX e XX, sendo que alguns municípios constituíram-se como grandes pólos de concentração produtiva. Segundo KOB (2000), o que possibilitou a construção de uma grande indústria moderna de cerveja no Brasil foi a inovação técnica trazida ao Rio de Janeiro em 1880, como máquinas de compressoras frigoríficas que a partir dali puderam produzir gelo artificial.

A partir da introdução de novas técnicas, em conjunto com um mercado consumidor crescente e centralização do PIB na região sudeste, pequenas cervejarias começaram a surgir em municípios como São Paulo e Rio de Janeiro, entre as quais destacam-se a Companhia Cervejaria Brahma, no Rio de Janeiro, e a Companhia Antártica Paulista, em São Paulo.

Por meio das características elencadas, essas empresas cresceram vertiginosamente na virada do século XIX para o século XX. Em 1899 a empresa Antártica já produzia cerca de 50 mil hectolitros de cerveja e empregavam 300 trabalhadores. KOB (2000). Em 1905 esta empresa comprou seu maior concorrente no estado de São Paulo, a cervejaria Bavária, evidenciando a característica que seria uma das espinhas dorsais destas companhias: a expansão por meio da compra de estruturas produtivas prontas dispersas pelo território nacional.

. “Assim mostravam-se, já em 1904, as tendências para concentração de firmas, as quais mais tarde chegaram quase a uma total monopolização do mercado interno, liderado pela Brahma e Antártica.” (KOB, 2000, p. 39). Ainda, segundo o autor, até a década de 1930 as duas empresas sudestinas conseguiram eliminar quase todos os outros concorrentes do mercado brasileiro de cerveja.

O começo do século XX foi emblemático para a história da cerveja no Brasil, visto que nesse mesmo ano a Antártica estabeleceu um acordo com a maior cervejaria carioca (Companhia Cervejaria Brahma), que visava regular os preços e o volume de vendas por todo o país. Até a dominação do mercado na década de 1930 pelas empresas supracitadas.

No cenário de franca expansão das empresas do sudeste, o estado do Rio Grande do Sul apresentava-se com quatro grandes áreas de produção emergente no século XIX, sendo elas: o Vale do Rio dos Sinos, Vale do Caí expandindo-se para Porto Alegre e no extremo sul do Rio Grande do Sul o município de Pelotas. Estas regiões despontariam como os principais pólos produtivos cervejeiros do Brasil e do estado gaúcho.

4.3 A história da cerveja no Rio Grande do Sul: da ascensão produtiva a decadência do setor.

Seguindo o movimento histórico e geográfico da produção cervejeira, compreende-se que a origem da produção no Rio Grande do Sul atrela-se diretamente a imigração alemã. Na sua gênese, o processo imigratório localizou-se no Vale do Rio dos Sinos e Vale do Caí, região central do estado do Rio Grande do Sul, em pequenas áreas que foram denominadas, posteriormente, de colônias. A situação existente em tais áreas, num primeiro momento isoladas, eram de uma precariedade absoluta com escasso apoio do Estado.

O isolamento territorial destes empreendimentos gerava uma série de problemas para o seu próprio desenvolvimento, como atesta o autor Celso Furtado (2005, p. 127): “a vida econômica das colônias era extremamente precária, pois, não havendo mercado para os excedentes de produção [...] a colônia regredia a um sistema econômico rudimentar de subsistência”.

A distância frente aos grandes centros, a política de colonização que não cumpria com o prometido e a dificuldade de acesso a bens primários criaram uma série de empecilhos para a instalação das colônias na sua origem, todavia, como afirma Brum Neto (2012), mesmo com estes problemas, as regiões construíram suas próprias dinâmicas e prosperaram ao longo do tempo.

Neste processo de resistência, os imigrantes se apegam aos seus saberes e formam grupos que buscam reproduzir suas simbologias culturais; entre elas, destaca-se o labor de cerveja. A produção que ocorria em uma microescala de cunho familiar/artesanal ganha tamanha importância que o estado passa a incentivar o plantio da cevada como uma cultura de base: “enquanto o trigo e o centeio não se constituíram como produtos essenciais para os alemães no Rio Grande do Sul, a cevada, por ser a matéria-prima de fabricação da cerveja, teve incentivos governamentais para sua produção, dentre os quais destaca-se o fornecimento de sementes” (BRUM NETO, 2012, p. 143). Porém, conforme a própria autora relata, a

cevada tornou-se um produto secundário comparado à cana-de-açúcar, fumo, batata inglesa, soja, milho, entre outros

Assim, produz-se uma territorialidade cervejeira primária sendo fundamental para a construção da identidade e para reorganização da vida quotidiana (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 8). As territorialidades produzidas por meio do saber-fazer cervejeiro ocasionaram com o passar do tempo uma pequena produção de excedentes desta bebida, os quais passam a ser comercializados localmente e também no principal aglomerado urbano do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

É importante destacar que a área de colonização, devido a proximidade com a capital do estado, possibilitou que no decorrer do século XIX houvesse uma integração econômica referente ao abastecimento de produtos para as áreas com maior concentração populacional.

Neste sentido podemos aferir que a imigração alemã para o estado gaúcho irá se constituir como um dos principais marcos para a consolidação da produção industrial cervejeira no Brasil. Relevante destacar neste momento que, concomitante ao movimento cervejeiro originando no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX, existem outros estados que também registram pequenas unidades fabris se estruturando, como no Rio de Janeiro e Santa Catarina (LIMBERGER, 2013).

Com o aumento do consumo por este produto ocorreu um processo de deslocamento da produção industrial pós-1850 de algumas unidades fabris no estado gaúcho em busca da proximidade com o mercado consumidor. Neste sentido, além das cervejarias formadas nas áreas de colonização alemã no estado, originar-se-á as primeiras cervejarias na capital Porto Alegre.

Pesavento (1981) afirma, por meio da análise dos almanaques administrativos do comércio e indústria do Rio Grande do Sul do ano de 1874, que existiam sete cervejarias registradas e em plena produção no município de Porto Alegre neste período. Concomitante a isso, forma-se na região sul do estado, no pólo econômico de Pelotas, as primeiras cervejarias no ano de 1876, fruto do processo de migração de produtores cervejeiros originários da região do Vale do

Rio dos Sinos.

Assim, configura-se no Rio Grande do Sul na virada do século XIX para o XX um eixo de produção no estado que concentra as indústrias nas regiões coloniais alemãs, na capital do estado e no pólo econômico de Pelotas (PESAVENTO, 1981; DUARTE, LOURENÇO e FONTANA, 2020). Após este processo embrionário, com a consolidação do setor e o surgimento de um mercado consumidor para o produto, no final do século XIX o setor cervejeiro passa a desenvolver-se em grande escala devido a uma série de fatores (aumento no número de imigrantes, concentração populacional, diversificação produtiva, acesso ao produto, entre outros). Deste crescente, temos o aumento da produção, a qual, conseqüentemente, ocasiona uma transformação na lógica espacial relacionada à migração de um sistema artesanal/familiar voltado para a subsistência, para um sistema industrial propriamente dito.

Este movimento ocorre a partir da década de 1860/70 com o deslocamento produtivo para as proximidades dos núcleos urbanos maiores e a especialização deste processo. Da produção familiar de cerveja, localizadas muitas vezes nas residências dos produtores no espaço rural, surgem as cervejarias industriais urbanas, voltadas ao abastecimento do mercado gaúcho em ascensão. Contudo, cabe ressaltar que este recorte não representa o fim da produção familiar local, todavia temos a escalada da indústria cervejeira como produção hegemônica no estado.

Após a gênese das cervejarias centradas na escala local, ao longo da segunda metade do século XIX temos incentivos industriais voltados à expansão produtiva, originando empresas de médio e grande porte desse setor. A primeira indústria cervejeira foi a do imigrante alemão Friedrich Christoffel no município de Porto Alegre em 1873, Pesavento (1983). O referido imigrante é pioneiro na fabricação em maior escala de cerveja no estado, tendo como foco de mercado a região do Vale dos Sinos, Vale do Caí e estendendo-se até o município de Porto Alegre.

Em 1878 já funcionavam sete cervejarias na capital porto-alegrense, sendo

que em 1879 a cervejaria de Christoffel já produzia cerca de um milhão de garrafas por ano, o que, na época, equivalia a metade da produção anual do estado do Rio Grande do Sul. A referida autora ainda aponta que, embora o empresário usasse cevada produzida na zona colonial do estado, Christoffel importava da Alemanha garrafas, lúpulo e malte. (PESAVENTO, 1983, p. 126)

Em 1878 no município de Porto Alegre surge a Cervejaria Sassen de Bernardo Sassen e a de Wilhelm Becker em 1879, ambas na capital gaúcha. Pesavento (1983). No ano de 1881 é fundada na capital gaúcha a empresa Bopp, a qual instalou-se na Rua Voluntários da Pátria, no bairro centro da capital. Com seu crescimento, em 1886 mudou-se para a Rua Cristóvão Colombo, tornando-se vizinha da Cervejaria Sassen e formando a gênese de uma concentração industrial que começava a se desenhar no município. Até o final do século a capital do estado contava com 13 cervejarias (PESAVENTO, 1983).

O sucesso com a fabricação de cervejas e produtos similares no final do século XIX e começo do século XX foi iminente. A construção e expansão dos horizontes econômicos/geográficos no estado trouxeram um avanço significativo para a economia do Rio Grande do Sul e solidificou o setor. Com a crescente produção e procura para um mercado mais diverso, no ano de 1888 temos a mudança de Heinrich Ritter também para o município de Porto Alegre.

Em 1888, mudou-se para Porto Alegre para auxiliar sua prima na administração da cervejaria Becker. A partir de 1894, passou a administrar a própria cervejaria no Bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre. Em 1906, Henrique e os filhos transferem a fábrica para a Rua Voluntários da Pátria e a razão social passou a ser "H. Ritter & Filhos". (PREFEITURA DO MUNICÍPIO LINHA NOVA, 2015)

O deslocamento da produção para Porto Alegre acompanha um movimento relacionado à busca por maiores mercados consumidores e à facilidade logística para chegar a estes. Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2019), o município de Porto Alegre contava com cerca de 43.998 e São Leopoldo com 30.860 em 1872. Já no censo de 1900 a capital representava em torno de 73.674 habitantes, transformando-se em um grande centro comercial/populacional.

Santos (2006, p. 35) afirma que a organização da estrutura produtiva e industrial no Brasil, na passagem do século XIX para o XX, demonstra uma clara relação entre produção e localização populacional. Logo, este conjunto de possibilidades espaciais constrói toda a esfera econômica e política que possibilitará o desenvolvimento das cervejarias de médio e grande porte nestas localidades. Pesavento (2014) vai ao encontro desta perspectiva ao destacar que a indústria gaúcha era diversificada neste período, voltada ao abastecimento interno e apresentando uma concentração geográfica.

Com as empresas Christoffel, Ritter, Sassen e Bopp (Vale dos Sinos, Vale do Caí e Porto alegre), Carlos Ritter & Irmão e Cervejaria Sul-Riograndense (Pelotas) temos a construção de um dinamismo que revela uma integração entre o setor agrícola, industrial e comercial no estado voltado às cervejarias de capital rio-grandense. O sucesso desta logística produtiva reverberará ao longo da primeira metade do século XX, culminando com a expansão do setor. Como percebemos, até o final do século as cervejarias proliferaram no Rio Grande do Sul.

Assim, a ascensão das cervejarias dentro de um modelo industrial será acompanhada pela incorporação de empresas menores, que desapareceram do mercado gaúcho, e por uma série de melhoramentos técnicos, os quais possibilitam o aumento da produção e a melhora do produto. Pesavento (1981) denomina este movimento de concentração produtiva e renovação técnica do setor cervejeiro gaúcho; tal perspectiva pode ser observada por meio da inserção de técnicas modernas, como o método da baixa fermentação em câmaras frigoríficas (PIMENTEL, 1945). Em conjunto com isso, o crescimento da produção será acompanhado pela formação de uma rede logística de abastecimento do mercado local/regional por empresas como as Christoffel, Ritter, Sassen e Bopp (Vale dos Sinos, Vale do Caí e Porto alegre), Carlos Ritter & Irmão e Cervejaria Sul-Riograndense (Pelotas).

O crescimento do setor será impactado por alguns adventos do início do século XX, como a primeira guerra mundial (1914 a 1918), que dificulta o acesso da matéria prima para a produção da cerveja, e o crescimento da estrutura empresarial concentrada na região sudeste em torno de duas grandes companhias: a Brahma e

Antarctica. As empresas citadas na primeira metade do século XX construíram um processo de expansão para várias regiões brasileiras, impactando diretamente o mercado sulino. Destacamos que algumas características foram essenciais para tal processo, como a proximidade com o maior mercado consumidor brasileiro e o principal centro econômico do país (o eixo Rio-São Paulo), a significativa concentração de capital na região sudeste (FURTADO, 2003; SINGER, 1968), facilidade logística de chegada de matéria prima e as vantagens no que tange a distribuição da bebida devido a existência de redes de integração comercial consolidadas.

Como estratégia, as empresas do Rio Grande do Sul fundiram capitais, buscando sobreviver à investida das empresas do sudeste e monopolizar o mercado gaúcho. Exemplo claro deste movimento é a fusão das empresas Bopp & Irmãos, Bernar do Sassen & Filhos e H. Ritter no ano de 1924, formando a cervejaria Continental em Porto Alegre; e a união das cervejarias Ritter, Anselmi & Filhos (localizadas no município de Pelotas) com a cervejaria e Schmidt (localizada do município de Porto Alegre), originando a cervejaria Sul-Brasil Ltda.

O modelo empresarial gaúcho segue então a mesma lógica de desenvolvimento das empresas do sudeste, ou seja, a incorporação técnica e aquisição de unidades fabris menores. Importante destacar, conforme aponta a Estatística Industrial do Rio Grande do Sul (1939), a existência de diversas unidades fabris, principalmente de pequeno porte. Há no estado um total de 125 fábricas de cervejas e gasosas no ano de 1939 especialmente dispersas; contudo, em contradição a este processo, nota-se no mercado gaúcho neste período o domínio quase que absoluto de três empresas sulinas (cervejaria Continental, cervejaria Sul-Brasil Ltda e, em menor proporção a Cervejaria Concórdia, localizada no município de Livramento/RS) e das cervejarias do Sudeste Brahma e Antarctica.

A conjuntura cervejeira sulina passa a vivenciar um revés do consumo e da produção a partir do início da década de 1930, devido a uma série de situações internacionais, como a crise de 1929, nacionais e estaduais. Os anais da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (1936) denotam tal conjuntura por meio da fala do representante da empresa Bopp, Sassen, Ritter &

Cia. Ltda, na qual foi mencionada uma diminuição da venda das cervejas de 8.188.796 litros no ano de 1929 para 5.242.203 litros em 1933. As empresas demonstravam preocupação com a diminuição do consumo e as propostas de aumento na taxaço do produto no estado, o que tornava o mesmo inviável (devido ao valor) para a maioria da população:

Não podemos atinar com os motivos que tem levado os legisla dores, quer da Nação, quer do Estado, a tributarem exorbitantemente a cerveja, equiparando-a ás demais bebidas fortemente alcoolicas e nocivas, procurando promover, assim, o seu encarecimento por todos os meios e impossibilitando, cada vez mais, o seu consumo pelas classes menos favorecidas (ANAIS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1936. p. 474)

Uma das principais preocupações residia na concorrência desleal que a taxaço sobre a cerveja gaúcha ocasionaria, diminuindo o consumo regional, aumentando a importação de cervejas e diminuindo a lavoura da cevada. Mesmo com o pedido sendo acatado pela Assembleia Legislativa, a entrada de produtos oriundos do sudeste ocorreu com maior afinco nos anos posteriores.

Logo, observamos um movimento de decadência da produção regional cervejaria e o domínio das empresas Brahma e Antarctica no mercado gaúcho já na década de 1940. O avanço dessas empresas pode ser observado através de aquisições das grandes empresas sulinas nesse período. No ano de 1940 ocorre a compra da cervejaria Carlos Ritter & Irmão e Cervejaria Sul Rio Grandense estabelecidas no município de Pelotas pela empresa Brahma; em 1946 será a vez da aquisição da cervejaria Continental e de suas subsidiárias em Pelotas e Passo Fundo pela mesma companhia; No ano de 1972 foi adquirida a cervejaria Polar localizada no município de Estrela e após um ano foi a vez da incorporação da cervejaria Pérola, localizada no município de Caxias do Sul pela empresa Antarctica (LIMBERGER, 2015; PESAVENTO, 1981; DUARTE, LOURENÇO e FONTANA, 2020).

As empresas que não conseguiram competir com os preços e o oligopólio da produção foram encerrando suas atividades na segunda metade do século XX. Um

dos casos que ilustra tal situação foi da cervejaria Concórdia (posteriormente renomeada de Gazapina) localizada no município de Santana do Livramento. Tal empreendimento despontou no estado sulino na primeira metade do século XX como uma das principais cervejarias, todavia no ano de 1975 encerrou suas atividades devido a dificuldades de se manter no mercado gaúcho.

Logo, ocorrerá um processo de "desgauchização" da produção cervejeira no estado (PESAVENTO, 1981), processo que predominou durante grande parte da segunda metade do século XX e que terá como ponto de inversão o surgimento de pequenos empreendimentos cervejeiros (microcervejarias) na década de 1990 oriundas de um processo de renovação produtiva.

4.4 A origem das cervejarias no Vale do Rio dos Sinos: da produção artesanal à industrialização.

A história das cervejarias do Rio Grande do Sul misturasse, em grande medida, com o processo de desenvolvimento e crescimento da região denominada de Vale dos Sinos. Este recorte espacial situa-se no nordeste do Rio Grande do Sul e, segundo Moser & Martins (2013), em registros oficiais a área começou a ser colonizada por imigrantes de origem alemã a partir de 1824 e teve como núcleo inicial da colonização o atual município de São Leopoldo.

Gevehr & Castro (2019) apontam que desde o começo da colonização europeia na referida região houve uma grande dependência das águas do Rio dos Sinos. A importância se revela nas primeiras ocupações realizadas pelos imigrantes alemães que se localizaram às margens do rio, como os principais prédios, monumentos públicos e a sede da antiga colônia alemã, fundada em 25 de julho de 1874.

Na região do atual município de Campo Bom foi onde estabeleceram-se as primeiras 26 famílias de imigrantes alemães. Todos os lotes que se estendiam pela área foram pensados, justamente, para terem acesso aos cursos de água do Vale do Rio dos Sinos. Ainda segundo Gevehr & Castro (2019), entre os anos 1826 a 1890 as principais atividades econômicas na primeira colonização alemã eram, majoritariamente, a agropecuária.

Devido ao manejo inadequado do solo, a pecuária não prosperou, levando alguns imigrantes e suas famílias a migrarem para outras localidades da colonização, como o Vale do Caí, Taquari e Paranhana. Mesmo assim:

Os colonos campobonenses que permaneceram no lugarejo trataram de diversificar a economia, de forma a garantirem a sobrevivência, introduziram em suas propriedades moinhos e atafonas para beneficiar os produtos de outras zonas coloniais, como mandioca, milho e **cevada**. No início do século XX, o lugarejo contava com cerca de 20 estabelecimentos desse tipo. (GEVEHR & CASTRO, 2019, p. 30, grifo nosso)

Para além da criação dos moinhos que o autor aponta, ressaltamos a criação de uma economia colonial que se desenvolvia através do comércio e vendas. Nesta conjuntura, diversas oficinas e empreendimentos de curtumes, algo que se destacava na época, começaram a se estruturar e prosperar. Alguns colonos possuíam seus próprios armazéns e vendas onde comercializavam seus produtos (como era o caso da cerveja).

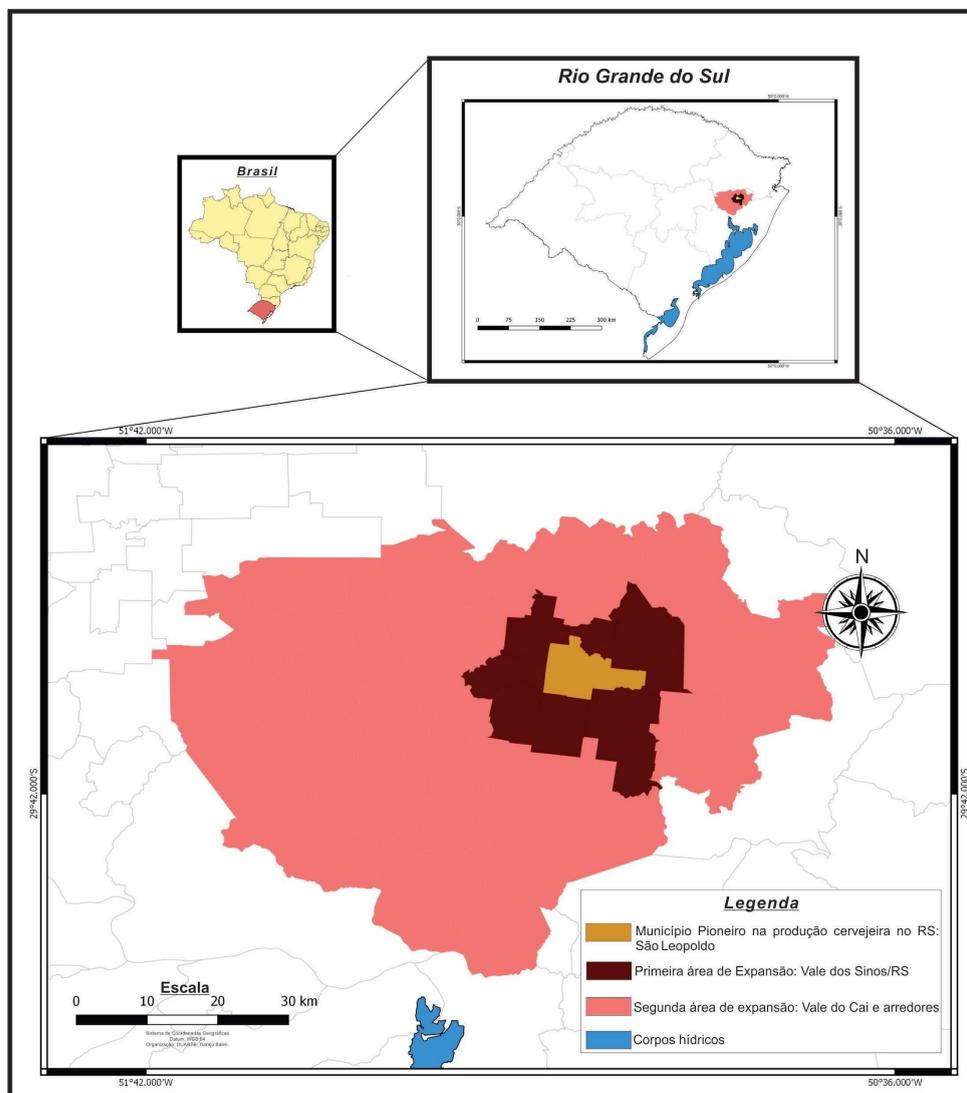
É importante destacar que apesar da grande influência imigrante na produção cervejeira, essa nunca assumiu posição primordial na economia da região, sendo a indústria coureiro-calçadista a que dominou a economia local/regional durante quase todo o século XX (MOSER e MARTINS, 2013).

Mesmo a cevada relegada a uma produção de segunda importância na colônia nos anos referentes a sua origem produtiva, a imigração alemã no Rio Grande do Sul apresenta-se como um evento que modifica a estrutura produtiva no estado. De acordo com Santos (1996, p. 115), o evento é um veículo de uma ou algumas das possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial, na região, que se depositam, isto é, se geografizam no lugar”.

A “geografização” do lugar, a partir da organização produtiva cervejeira familiar, possibilitou uma situação de apego/resistência no Rio Grande do Sul criada pelos imigrantes alemães. Logo, este produto desenvolve no imaginário deste grupo étnico um vínculo com outro espaço-tempo, construindo uma ressignificação do seu próprio ser, e, até mesmo, uma reafirmação da identidade em um processo de reconstrução simbólico-cultural das suas origens. Diante deste contexto dos imigrantes, no município de São Leopoldo (município que compõe o Vale do Rio dos

Sinos) e entorno temos a gênese da produção de cervejas por volta dos anos de 1820/30 (Figura 4).

Figura 4: Localização da primeira região produtora de cerveja do Rio Grande do Sul



Fonte: Duarte, Lourenço e Fontana, 2020.

A Figura 4 demonstra que a localização das primeiras cervejarias no Rio Grande do Sul está concentrada nas regiões do Vale do Rio dos Sinos, estendendo-se posteriormente para o Vale do Caí. Estes exemplos históricos evidenciam a relação entre os imigrantes alemães, localizados em pequenas comunidades, e a produção familiar/artesanal.

Não foi possível avaliar a delimitação precisa da área de

produção/expansão da cerveja devido à ausência efetiva de dados que contribuam para compreendê-la. Não obstante, podemos relacionar a origem produtora com a primeira localização dos imigrantes alemães no estado, possibilitando, assim, construir uma delimitação aproximada da região, a qual possivelmente originou a produção de cerveja no Rio Grande do Sul.

Neste sentido, o município de São Leopoldo aparece como o centro primário; no seu entorno surge uma mancha de expansão que logo se estenderá para toda a área do atual Vale do Rio dos Sinos, Vale do Caí e Região Metropolitana de Porto Alegre. Gradualmente as cervejarias do Vale do Rio dos Sinos (caracterizadas por serem microempresas) sofreram com o mesmo destino das demais cervejarias do Rio Grande do Sul da mesma categoria. O surgimento de novas técnicas fez com que as grandes cervejarias industriais dominassem o mercado.

Segundo Pesavento (1983, p. 126), em 1853 já haviam seis cervejarias em São Leopoldo, com destaque para a de Leyers. Além disso, salientamos que nenhuma das cervejarias possuía características de manufaturas (ou seja, indústrias de moldes capitalistas), mas sim características de cervejarias familiar/artesanal. São Leopoldo destacava-se com as empresas de C. Hartel e G. Frederico Brusius; Novo Hamburgo com as de Guilherme Storck e Cristiano Schmidt e, em Dois Irmãos a de Jacob Jaensen. Todas fundadas no último quartil do século XIX (PESAVENTO, 1983).

As cervejarias supracitadas, todas de origem familiar, acabaram tornando-se obsoletas perante o capital industrial e a transformação da produção em manufaturas, tendo o mesmo destino das outras cervejarias familiares/artesanais do Rio Grande do Sul. É importante lembrarmos que as cervejas, a partir do começo do século XX, deixam de ter, em grande medida, o caráter artesanal devido aos novos processos técnicos emergentes. Como consequência, as indústrias trouxeram a homogeneização da bebida, a perda da sua diversificação de produtos e o extermínio dos pequenos produtores que não conseguiram competir neste mercado.

Após o processo de ascensão produtiva das indústrias locais/Regionais do Vale do Rio dos Sinos na virada do século XIX para o XX, observamos a mesma

conjuntura que assola estes empreendimentos no estado na segunda metade do século XX: a aquisição da matriz produtiva pelo capital oriundo do sudeste brasileiro e o encerramento das atividades industriais cervejeiras na região. Esta conjuntura só irá transformar-se na primeira década dos anos 2000 devido, principalmente, à renovação produtiva e à emergência das microcervejarias locais que passam a dinamizar a região.

5 As microcervejarias na atualidade: O Desenvolvimento Territorial no Vale do Rio dos Sinos/RS

5.1. A gênese do movimento de renovação da cerveja no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul

Para compreendermos a renovação da produção de cervejas no estado do Rio Grande do Sul torna-se necessário analisar a gênese desse movimento no mundo. Assim, retornamos aos anos de 1970 e 1980 nos Estados Unidos da América, tendo em vista que nesse país originou-se um processo de reorganização de parte da produção cervejeira em pequenas unidades fabris, as quais buscavam a revalorização do mercado regional cervejeiro (GIORGI, 2015; SCHNELL; REESE, 2013).

O movimento faz parte de uma campanha denominada de "Campaign for Real Ale", que almejava um retorno à "cerveja tradicional e autêntica", tanto nos ingredientes como no seu modo de produção.

Desde a metade dos anos 1980, mais de 2.300 microcervejarias e *brewpubs* brotaram e floresceram nos Estados Unidos da América. Argumentamos que essa expansão é mais do que só sobre cerveja. É, também, sobre o desejo de vários Americanos de se reconectar com o lugar. Tais cervejarias são frequentemente orgulhosas e auto-conscientes localmente, e, frequentemente, usam imagens e histórias associadas a lugares específicos com o objetivo de promover suas cervejas. (SCHNELL; REESE, 2013, p. 167, tradução nossa.)⁶

Este processo originado nos EUA espalhou-se pelo mundo por meio de um ideal centrado na diferenciação das grandes companhias cervejeiras, tanto no que tange à lógica de produção, como também no consumo, possibilitando "que as cervejarias locais se mantenham enraizadas no território local" (MARCUSO, 2021, p. 257). Este movimento chega no Brasil com maior intensidade na década de 1990 e início do século XXI, sendo o estado do Rio Grande do Sul um de seus pioneiros.

⁶ Em inglês, no original: "Since the mid-1980s, over 2,300 microbreweries and brewpubs have sprouted and flourished in the United States. We argue that this expansion is about more than just beer. It is also about a desire on the part of many Americans to re-connect with place.. Such breweries are often proudly and self-consciously local, and often use imagery and stories associated with a particular place as a means of promoting their brews."

Neste sentido, não é possível falar na "renovação" das microcervejarias no Brasil sem analisarmos sua origem, a qual centra-se no trabalho dos cervejeiros artesanais. Muitos destes na década de 1980/90, no primeiro momento, eram apenas entusiastas desta bebida, produzindo-a em casa, para consumo próprio. A partir deste momento temos um divisor de águas: muitos deram continuidade à produção caseira e outros tomaram o rumo da produção em escala industrial, mesmo que pequena, com objetivo de entrar no mercado cervejeiro.

No andar histórico de renovação produtiva brasileira nasce uma das primeiras microcervejarias nacionais da década de 1990, a Dado Bier, empresa fundada em 1995⁷ no município de Porto Alegre. Nesse contexto, outras microcervejarias que utilizavam somente os ingredientes da Lei de Pureza Alemã (*Reinheitsgebot*) começaram a surgir no cenário cervejeiro gaúcho, tendo como auge desse processo a segunda década do século XXI.

Destacamos, seguindo a análise de Limberger (2016), que as primeiras cervejarias dos anos de 1980/90 começaram a produzir cerveja para o mercado com um capital oriundo de outros negócios industriais da família, sendo a cervejaria uma forma de diversificar o portfólio do capital familiar. Vinculada a estrutura produtiva que delineava-se no estado, apontamos que o crescimento das microcervejarias será atrelado ao surgimento de empresas fornecedoras de insumos que deram suporte aos pequenos produtores.

Tais estabelecimentos⁸ possibilitam um maior acesso a produtos e informações sobre o labor cervejeiro e, conforme aponta Cruz (2016, p. 44): “antes do surgimento dos distribuidores, as microcervejarias eram obrigadas a comprar grandes lotes de insumo, o que acarretava dois problemas, descapitalização e envelhecimento de estoque”.

Em conjunto com a formação de uma estrutura logística que facilitaria o acesso a insumos, no ano de 2003 microcervejeiros caseiros e entusiastas desse setor fomentam um movimento de união/cooperação com o intuito de trocar

⁷ Seguindo a ordem cronológica, no ano de 1996 no município de Ribeirão Preto – SP seria criada a Cervejaria Colorado e, nesse mesmo estado, no município de Campos do Jordão (1999) foi fundada a Cervejaria Baden Baden. No ano de 1999 também surgiram no estado de Minas Gerais a Cervejaria Backer e a Cervejaria Wals. Na passagem do século, no ano de 2000, no estado do Pará originou-se a empresa Amazon Bier, localizada no município de Belém.

⁸ Destacamos como exemplo no estado gaúcho a WE Consultoria, empresa fundada no ano 1997 no município de Porto Alegre, sendo responsável por auxiliar pequenas microcervejarias no processo produtivo e no acesso a insumos.

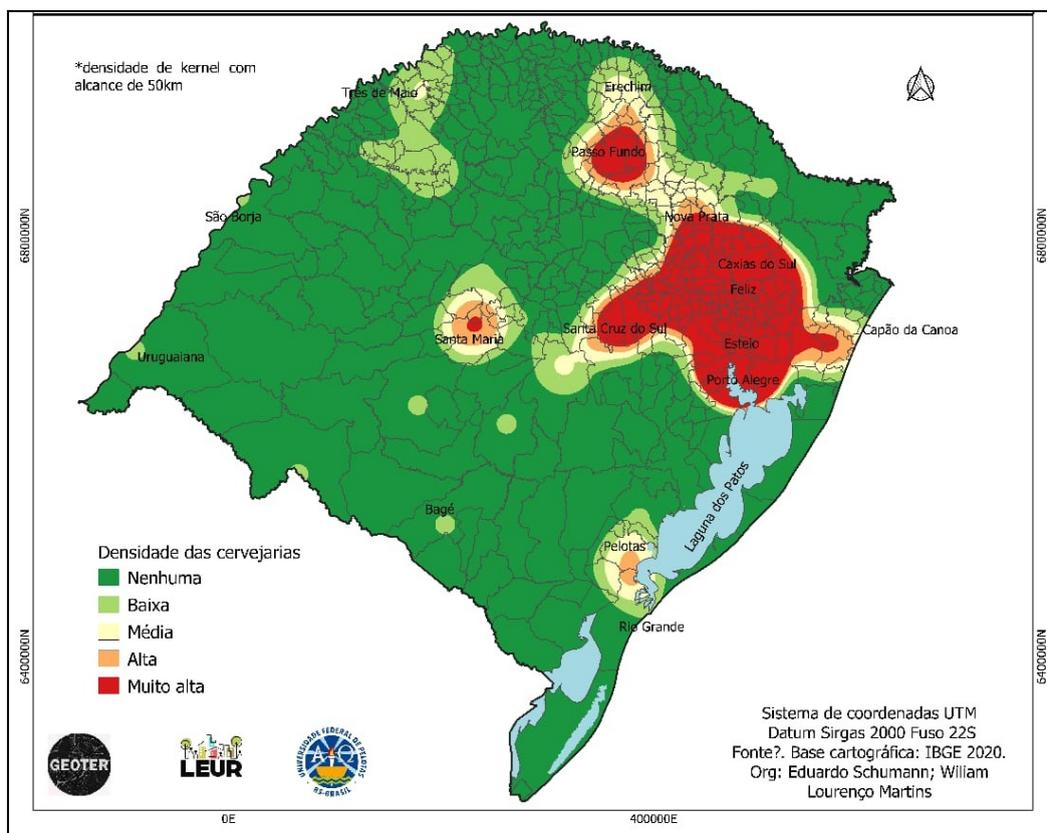
informação mediante a formação de fóruns e confrarias, o que originou redes de solidariedade espacial. Conforme aponta Santos (2003, p. 146) as relações solidárias são construídas "por baixo" e produzidas de dentro para fora, consolidando-se no território e nas culturas locais, sendo a produção cervejeira, suas confrarias e associações formas organizativas que, a partir do fazer solidário, se estruturaram no Rio Grande do Sul.

5.2 O movimento de renovação produtiva no estado do Rio Grande do Sul: dos anos 1990 até a atualidade

A estruturação do movimento de renovação das microcervejarias no estado do Rio Grande do Sul origina-se de pequenos produtores que identificam-se com determinadas formas de pensar o universo cervejeiro, as quais extrapolam o *modus operandi* das grandes corporações que dominam o mercado brasileiro. A articulação solidária entre tais atores possibilitou o surgimento de uma das primeiras associações de cervejeiros artesanais do Brasil, denominada de "Acerva Gaúcha" no ano de 2007. Outras pedras angulares destacam-se nesse contexto, como a fundação da Associação Gaúcha de MicroCervejarias (AGM) e a criação do polo cervejeiro no bairro do Anchieta no município de Porto Alegre.

A partir das estruturas técnicas que facilitaram o acesso à matéria-prima e informações, os produtores construíram estratégias territoriais que possibilitaram o surgimento de inúmeras microcervejarias dispersas pelo estado (Figura 5), as quais se profissionalizaram e buscam, nas lacunas deixadas pelo oligopólio nacional, fatias do mercado regional.

Figura 5: Densidade de cervejarias no ano de 2020 - Rio Grande do Sul

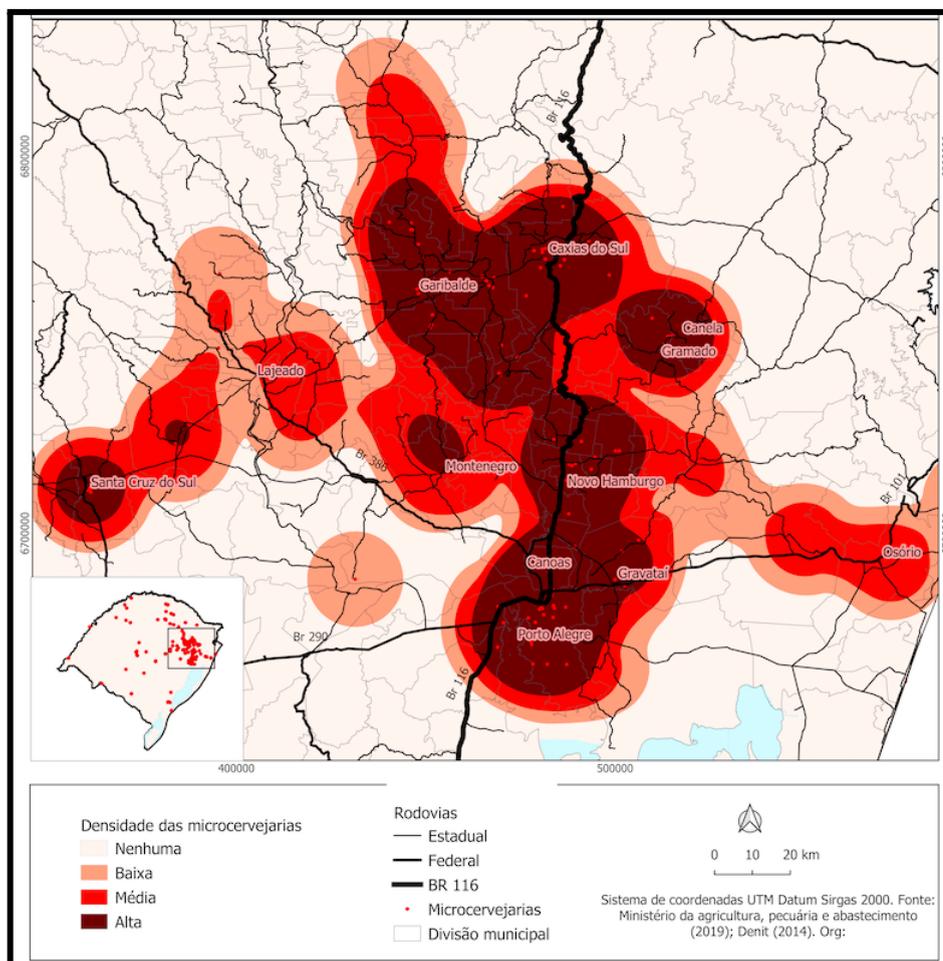


Fonte: MAPA, 2020. Elaborado por LOURENÇO e DUARTE, 2020.

Podemos observar que o movimento de renovação segue uma linha histórica por meio da consolidação de determinadas áreas, como nós principais do movimento cervejeiro gaúcho. Nota-se a formação de uma região concentrada, a qual é composta principalmente por microcervejarias localizadas no município de Porto Alegre e Região Metropolitana. Tal conjuntura decorre de alguns fatores, como a significativa densidade demográfica (representada por um grande mercado consumidor), facilidade logística para receber matéria-prima e, entrelaçado a isto, a centralização do PIB estadual.

No entorno da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) formou-se um arco que abarca uma continuidade produtiva que liga Porto Alegre e os municípios da Região Nordeste do estado. Neste sentido, emergem novas centralidades do movimento microcervejeiro, as quais extrapolam a área da RMPA e formam um continuum produtivo (Figura 6).

Figura 6: *Continuum* produtivo microcervejeiro do Rio Grande do Sul



Fonte: MAPA, 2020. Elaborado por LOURENÇO e DUARTE, 2020

Ao traçarmos um trajeto que liga a RMPA à Região Nordeste do estado gaúcho, nos deparamos com algumas localidades que transformam-se em grandes polos produtivos, como Novo Hamburgo, Esteio e São Leopoldo, uma vez que são áreas de franca expansão de empreendimentos cervejeiros. Salienta-se a existência de uma ampla rede logística, no referido recorte espacial, a qual tem como base técnica a densa malha rodoviária e urbana que interliga esses municípios.

Seguindo ao norte deste *continuum* produtivo, através da rodovia federal BR-116, chegamos ao segundo município do estado com o maior número de empresas desse setor: Caxias do Sul, o qual detém um total de 13 microcervejarias registradas no MAPA (2020). Esse caracteriza-se como o principal município da Região Metropolitana da Serra Gaúcha (RMSG) e desponta como polo econômico do estado, conforme apontam os dados da Secretaria de Coordenação e Planejamento (2002). Em comum acordo com essa perspectiva, segundo Fialkow (2015), Caxias do Sul e a denominada Região Nordeste possuem uma linha de tendência voltada para o crescimento, tanto demográfico como de renda.

Ao mesmo tempo, a característica de concentração neste município e a proximidade territorial com outras localidades possibilita a dispersão de empreendimentos pela região como, por exemplo, nos municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha, Canela, Gramado, Garibaldi, Feliz, Gramado, Guaporé, Nova Petrópolis, Nova Prata, entre outros. Salientamos que, do total de empreendimentos cervejeiros no Rio Grande do Sul, os municípios supracitados abarcam aproximadamente 25%, o que denota a importância deste recorte espacial para o setor.

Como característica, a região encontra-se interligada por rodovias de fluxo rápido que facilitam tanto o recebimento de matéria-prima como o escoamento do produto. Realçamos, ainda, que esse recorte espacial apresenta-se como o destino turístico de maior atratividade do estado, destacando-se os municípios de Bento Gonçalves, Gramado e Canela. Nessa seara, o setor econômico voltado ao turismo forma uma rede de fixos e fluxos que retroalimentam a possível expansão desta malha microcervejera, originando novas empresas, além de atrair potenciais consumidores.

A importância desse movimento culminou no ano de 2018 com a aprovação

da lei nº 15.098, de 4 de janeiro de 2018 que instituiu a "Região das Cervejarias Artesanais", a qual abarca ao todo 22 municípios e se estende da RMPA (município de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Campo Bom etc.) até o Nordeste do estado, representado por Gramado e Canela⁹.

O movimento microcervejeiro gaúcho adentra igualmente à Região Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul por meio de empresas localizadas nos municípios de Passo Fundo,¹⁰ que conta com seis cervejarias, e Erechim (conta com um empreendimento); na Região Noroeste sobressai-se o polo cervejeiro de Três de Maio e arredores. Importante salientar que os municípios citados integram e articulam uma série de localidades menores com forte produção agropecuária, concentrando nessas localidades diversos serviços (IPEA, 1999). Além disso, tais localidades dispõem de uma ampla rede rodoviária que integra municípios menores com os polos econômicos, possibilitando um fluxo de pessoas não só na escala local, mas também no âmbito regional e estadual.

Nos caminhos que levam à região central do Rio Grande do Sul, visualiza-se a integração da RMPA a centros sub-regionais urbanos como a aglomeração Lajeado-Estrela (com 02 cervejarias) e Santa Cruz do Sul (04 cervejarias). Essa conjuntura é verificada devido ao crescimento do setor industrial e de serviços nas cidades médias e nos espaços perimetropolitanos, "convertendo estes núcleos urbanos em polos de atração de migrações internas e inter-regionais" (SOARES; HALAL; GODOY, 2005, p. 02). Ademais, Soares (2018, p. 24) salienta que as indústrias em algumas cidades médias possuem um papel central na economia regional, tendo em vista que "possuem ligações rápidas e eficientes com as metrópoles".

Nesse recorte espacial ganha importância da mesma forma o município de Santa Maria com 03 empreendimentos cervejeiros. Esse caracteriza-se principalmente pela produção local voltada ao abastecimento regional, tendo em vista que essa localidade possui um significativo poder de influência no interior

⁹ Fazem parte da "Região das cervejas artesanais" um total de 22 municípios, sendo eles: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Morro Reuter, Santa Maria do Herval, Presidente Lucena, Linha Nova, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela, São Francisco de Paula, Alto Feliz, Campo Bom, Feliz, Igrejinha, São Vendelino, Sapiranga, Três Coroas e Vale Real.

¹⁰ No município de Passo Fundo, destacamos a empresa "Farrapos", a qual possui como área de abrangência de vendas a escala estadual e consolida-se no mercado sulino nos últimos anos como uma das principais empresas cervejeiras gaúchas.

gaúcho mediante a concentração de serviços em uma região com predomínio de atividades primárias.

Ao observarmos a Região Sul destacamos, em termos de características territoriais, que essa área possui menores densidades demográficas e uma grande dependência do setor primário, principalmente da pecuária extensiva, sobressaindo-se como polos produtivos os municípios de Pelotas e Rio Grande. Conforme destacam Vieira e Lihtnov (2018), para compreender o contexto regional do Sul deve-se levar em consideração o papel que ambos os municípios detêm com base na forma de organização e concentração territorial dos setores de comércio e serviços.

Em termos produtivos cervejeiros, essa região tradicionalmente consolidou-se no Rio Grande do Sul e Brasil como um grande centro produtivo, principalmente centrado no município de Pelotas no início do século XX; todavia, entrou em declínio após 1940. Dentro do processo de renovação da produção do século XXI, observa-se o surgimento de pequenos empreendimentos cervejeiros, os quais concentram-se nos municípios de Pelotas com cinco microcervejarias, Rio Grande com um total de duas e Turuçu com um empreendimento (LOURENÇO, 2019; FONTANA, 2018).

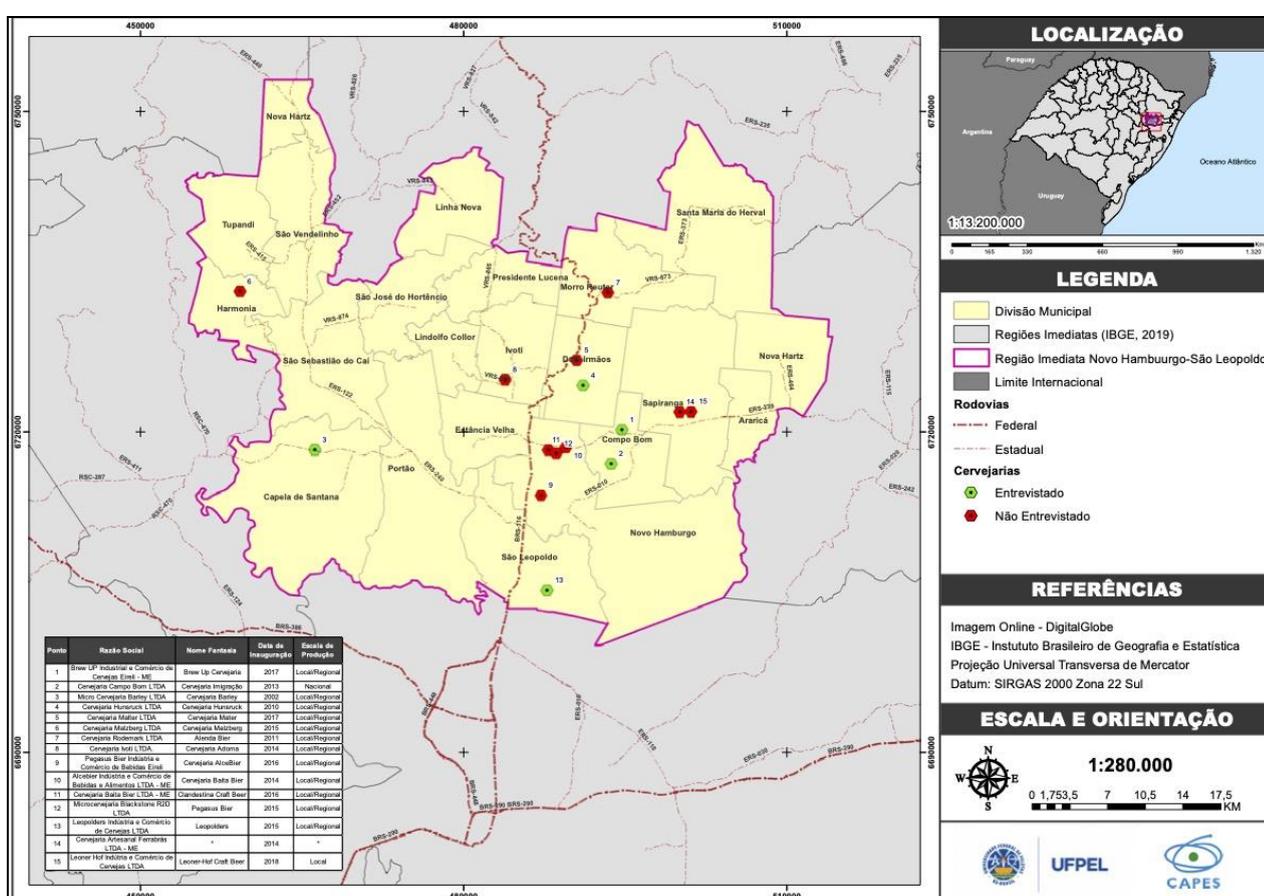
Ainda, podemos evidenciar a formação de pontos difusos no Rio Grande do Sul em áreas distantes dos principais polos econômicos, o que denota que o movimento microcervejeiro produz múltiplas territorialidades, as quais vêm dinamizando o setor nos últimos anos e transformando o estado num dos principais polos da renovação produtiva brasileira.

5.3 As características produtivas e mercadológicas das microcervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo

Ao longo da análise foi demonstrado como o movimento de renovação produtiva das cervejarias no estado do Rio Grande do Sul possibilitou a reestruturação do setor. No presente momento deslocamos nosso olhar para o recorte espacial da pesquisa, sendo este a Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo (IBGE, 2017).

Ao levantarmos os dados do MAPA (2021), podemos destacar que existem atualmente quinze cervejarias no referido recorte, sendo elas: Brew Up Cervejaria, Cervejaria Migração, Cervejaria Barley, Cervejaria Hunsruck, Cervejaria Mater, Cervejaria Malzberg, Alenda Bier, Cervejaria Adoma, Cervejaria AlceBier, Cervejaria Clandestina Craft Beer, Pegasus Bier, Leopolders, Cervejaria Ferrabraz e a Leoner-Hof Craft Beer (figura 7).

Figura 7: Mapa das (micro)cervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo



Fonte: MAPA, 2021. Organizado pelos autores.

Conforme nos demonstra a figura 07, nota-se uma maior quantidade de empreendimentos nos municípios de Novo Hamburgo, seguindo de uma difusão com maior equidade pelos demais. Dentre as (micro)cervejarias em nosso recorte de pesquisa, a sua imensa maioria apresenta-se como um negócio de abrangência local, tendo como principal mercado a própria Região Imediata Novo Hamburgo-São

Leopoldo. Também salienta-se a proximidade de um número significativo de empreendimentos próximos a rodovia federal BR-116, o que denota o importante papel dos fluxos constantes da coligação do *continuum* produtivo com os empreendimentos, facilitando a logística de transporte e o deslocamento de clientes

A seguir, apresentamos a tabela com os respectivos municípios das cervejarias supracitadas, data de inauguração e nome fantasia.

Tabela 1: Cervejarias localizadas na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo

UF	Município	Nome Fantasia	Data de Inauguração
RS	Campo Bom	Brew Up Cervejaria	2017
RS	Campo Bom	Cervejaria Imigração	2013
RS	Capela de Santana	Cervejaria Barley	2002
RS	Dois Irmãos	Cervejaria Hunsruck	2010
RS	Dois Irmãos	Cervejaria Mater	2017
RS	Harmonia	Cervejaria Malzberg	2015
RS	Morro Reuter	Alenda Bier	2011
RS	Ivoti	Cervejaria Adoma	2014
RS	Novo Hamburgo	Cervejaria AlceBier	2016
RS	Novo Hamburgo	Cervejaria Baita Bier	2014
RS	Novo Hamburgo	Clandestina Craft Beer	2016
RS	Novo Hamburgo	Pegasus Bier	2015
RS	São Leopoldo	Leopolders	2015
RS	Sapiranga	Cervejaria Ferrabraz	2014
RS	Sapiranga	Leoner-Hof Craft Beer	2018

Fonte: MAPA (2022). Elaborado pelos autores.

Ressalta-se que quando estamos tratando especificamente das cervejarias citadas usaremos o termo (micro)cervejarias, pois após análises de cada estabelecimento, podemos perceber que não são todos que se encaixam na escala micro de produção. Cita-se como exemplo a Cervejaria Imigração, pois, atualmente, essa visa atender o mercado nacional cervejeiro, possuindo uma produção em escala superior às demais. Mesmo nesta perspectiva, observa-se que a empresa utiliza dos preceitos locais para a produção do território e das territorialidades vinculada ao contexto simbólico no qual está inserida, abarcando parcela do mercado consumidor de cervejas artesanais. Portanto, os significados para com a cerveja não estão nos mesmos moldes das multinacionais, tampouco visa concorrer com elas.

Além disso, salientamos que ao longo do desenvolvimento da pesquisa vivenciamos um fenômeno histórico que impactou de maneira significativa a produção e o consumo cervejeiro: a pandemia da COVID-19 pelo vírus SARS-CoV-2. A partir de uma análise dos dados levantados em fontes oficiais em conjunto com a pesquisa de campo, podemos constatar que este processo mudou as relações produtivas e mercadológicas das empresas citadas, trazendo, assim, mais um desafio para os estabelecimentos.

Uma das problemáticas da pandemia no mercado cervejeiro foram os cortes orçamentários que atingiram, principalmente, a microescala produtiva. Em contrapartida a realidade do consumo de cerveja de mercado¹¹ no Brasil, produzida pelas grandes multinacionais, foi totalmente diferente, pois segundo Alvarenga (2021, n.p.) “o volume de vendas de cerveja no Brasil em 2020 foi o maior dos últimos 6 anos, atingindo 13,3 bilhões de litros, perdendo só para 2014”

Desse modo, as microcervejarias perderam, novamente, o espaço, tendo em vista que o aumento do consumo na pandemia se deu dentro de casa, apresentando o maior volume de vendas no país desde 2014 (ALVARENGA, 2021). Como o principal foco mercadológico da maioria das microcervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo é o consumo in loco, ou seja, através da venda de

¹¹ Cerveja de mercado, também chamada de cerveja de massa, é produzida em larga escala, com baixo custo de insumos atrelada a baixa qualidade do produto - o que influencia no baixo preço final ao consumidor - além de possuir um gosto mais homogêneo e facilmente agradável ao paladar. Por estes motivos, possui alta aceitação popular.

suas cervejas em um estabelecimento comercial/serviço próprio das empresas, acabaram sendo ainda mais prejudicadas na pandemia, necessitando maior adaptação pelos empresários. Conforme apontam nossos dados de campo, todas as microcervejarias apontaram forte impacto em seus empreendimentos, citando deste a redução do consumo *in loco*, como também a redução da procura pelo produto por empresas de comércio local como bares e pubs que consumiam os produtos locais.

Com isso, a concorrência frente aos grandes oligopólios multinacionais desenvolveu novas faces; O poder de adaptação das grandes empresas do mercado na pandemia pressionou os microcervejeiros a se adequarem às novas características de consumo o mais rápido possível. Com base nisto, o impacto no comércio de cerveja artesanal foi evidenciada na queda de produção e faturamento das cervejarias, inclusive levando muitas empresas a fecharem seus estabelecimentos.

5.4 O Desenvolvimento Territorial e as microcervejarias: A resistência frente ao oligopólio produtivo e os possíveis caminhos para a região.

O presente subcapítulo engloba uma retomada conceitual das principais discussões teóricas usadas na presente dissertação, além de entrelaçar estas com os dados levantados na pesquisa de campo com os representantes/produtores das microcervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo. Dos quinze estabelecimentos que produzem cerveja, tivemos como amostragem cinco produtores.

No universo da pesquisa, quatro (micro)cervejarias tiveram suas operações iniciadas após o ano de 2010, o que referenda de certo modo a inserção destes atores no movimento de renovação da produção cervejeira no estado. Ademais, uma das primeiras problemáticas levantadas na pesquisa com os produtores refere-se a insatisfação dos mesmos para com a qualidade do produto oferecido pelas grandes companhias multinacionais do setor, como a AB InBev, Heineken, China Res. Snow Breweries entre outros. Neste vazio deixado pelas grandes companhias é que a produção das (micro)cervejarias encontra seu principal aliado no mercado

local/regional, apontam os entrevistados.

Ressaltamos que mesmo havendo uma demanda para tal tipo de produto, o mercado ainda é imaturo, sendo assim, um dos principais desafios é arrecadar novos públicos consumidores. Dentre as respostas, todas as empresas destacaram o forte apelo regional da produção e a busca por produzir cervejas com qualidade (insumos de melhor procedência) para se inserir no mercado.

Tal dinâmica salientada corrobora com Pecqueur (2005) sobre as definições e estratégias de adaptação no Desenvolvimento Territorial: “essa estratégia visa permitir aos atores dos territórios reorganizarem a economia local face ao crescimento das concorrentes na escala mundial” (PECQUEUR, 2005, pg. 12). Deste modo, os mecanismos de adaptação baseados nos recursos disponíveis aos atores cervejeiros locais influenciam nos seus processos de territorialização.

Como um dos entrevistados destaca na pergunta sobre os objetivos da empresa no mercado cervejeiro: “*Proporcionar cervejas de alta qualidade e preço competitivo a fim de ampliar o mercado cervejeiro e arrecadar novos públicos consumidores*”. Logo de imediato, podemos perceber o caráter da diferenciação da produção local como um atrativo, além da qualidade dos produtos dos entrevistados como forma de atrair novos consumidores.

O paralelo entre a comparação da produção entre as (micro)cervejarias vai de encontro a lógica das cervejas de massa; a cerveja voltada ao consumo em grande escala se utiliza de artifícios diversos para atrair o público, entre os quais destaca-se o preço. No inverso, as cervejarias apontaram que buscam elementos identitários para produzir/comercializar seus produtos. Percebe-se esta perspectiva desde a origem dos nomes das empresas, os quais a identidade local, seja com o nome do município onde estão instaladas ou com o evento histórico que eles atribuem ao nascimento da cervejaria artesanal no estado do Rio Grande do Sul (a Imigração Alemã).

Obviamente tais características estão imbuídas no marketing dessas empresas e, quando analisamos as mídias sociais oficiais delas, percebemos ainda tal dinâmica como forma de atrativo. Nas empresas que fazem alusão a Imigração Alemã, percebemos uma narrativa ligada a uma identidade pertencente a outro espaço-tempo. Segundo Chelotti (2010) no que diz respeito a construção dessas

identidades, podemos afirmar que:

Outra premissa fundamental a ser considerada em relação à construção das identidades, é a questão de sua mutabilidade no tempo e no espaço, superando uma visão estanque e partindo para uma compreensão de sua transformação, para a destruição ou reafirmação. (CHELOTTI, 2010, p. 171)

Conforme o autor salienta, tais analogias das empresas citadas com o evento histórico de imigração corroboram no que tange a construção de uma identidade imaginária do evento em si, sendo mutável no tempo. Por meio dos símbolos que eles dão à cerveja, ou ao seu marketing, atribui-se sentido às práticas e relações sociais em que estão inseridas.

Como exemplo, citamos a reportagem da Revista BeerArt, a qual fez uma longa matéria com uma das cervejarias do nosso recorte espacial: a Cervejaria Hunsruck, localizada em Dois Irmãos. Esta destaca que: “Instalada em Dois Irmãos (RS), a cervejaria Hunsrück carrega no nome a origem dos primeiros colonizadores, vindos por volta de 1825 da cidade homônima localizada no sudoeste da Alemanha”. (BEERART, 2020, n.p.).

Também temos o exemplo da Cervejaria Imigração, localizada em Campo Bom, que se utiliza do elemento histórico como fonte primária para a produção simbólica/identitária entre locutor e receptor:

Em 1824, âncoras de navios alemães foram jogadas nas águas do Rio dos Sinos por imigrantes que fizeram sua história na região, por trazerem consigo sua cultura e o apreço pela boa cerveja. Passado alguns anos, descendentes desses imigrantes buscaram na essência – a Lei da Pureza Alemã – elaborando uma bebida de puro malte, a 1824 Imigração, cerveja brasileira nos moldes alemães que garante uma cerveja artesanal de qualidade, realçando o sabor e o aroma das cervejas especiais puro malte. (IMIGRAÇÃO, 2022, n.p.)

A citação supracitada foi retirada do site oficial da cervejaria, sendo que ambos exemplos citados evocam a narrativa de uma identidade cultural e de um passado histórico ideal que deve se recuperar, ou pelo menos tentar imitá-lo e imbuí-lo no seu produto e todo o símbolo que o envolve.

Saquet e Briskievicz (2009) apresentam uma abordagem que corroboram com a visão citada:

Existem duas formas diferentes de identidades culturais. Uma ocorre quando determinada comunidade busca recuperar o seu passado histórico e uma cultura partilhada que pode ser representada reafirmando a identidade. A outra concepção é aquela baseada no reconhecimento entre os indivíduos e nas suas reivindicações comuns. Os processos históricos sustentam a fixação de certas identidades e a geração de novas identidades. (SAQUET e BRISKIEVICZ, 2009, p. 7)

A questão central aqui é: a criação das (micro)cervejarias a partir da lógica do processo de distinção da cerveja – e da construção imagética do seu produto como um todo – está ligada aos processos histórico culturais do movimento de imigração dos Alemães e, com isso, relacionada a questão cultural para além do beber cerveja.

Neste sentido é que centramos a ideia que atravessa a presente dissertação, ou seja, entender o Desenvolvimento Territorial como algo para além da industrialização, mas também como forma de construir estratégias locais para a inserção e sobrevivência no mercado. Logo, podemos apontar que a cerveja produzida e sua estrutura simbólica apresenta-se como forma de resistência de mercado perante as grandes empresas multinacionais, produzindo um enfrentamento social e político.

Diante de todo este cenário e desta gama de esferas que atravessam-se no desenvolvimentos territorial Pecqueur (2005) afirma que alguns estabelecimentos saem mais vitoriosos¹² que outros devido a uma melhor adequação dos seus ativos e recursos disponíveis nos processos de territorialização. Para o autor, os recursos próprios do território permitem que o processo de diferenciação do produto seja refinado, justamente, nesta etapa do processo.

Interessante apontar que os produtores entrevistados da região não chegam em um consenso, ou dividem a mesma visão, sobre algumas das perguntas que envolvem o mercado cervejeiro da região e/ou município. Tal divergência poderia indicar a não proximidade entre eles, por não haver um ambiente propício para discussão, ou uma discordância no que determinados produtores acreditam ser o papel do comércio local de cerveja artesanal.

As duas possibilidades se revelam quando, para a mesma pergunta sobre os

¹² Trazemos aqui a ideia de vitoriosos do ponto de vista econômico e de prosperidade no mercado cervejeiro, visto que a rotatividade de empresas é muito grande no cenário atual. Ao mesmo tempo que muitas surgem, outras tantas acabam fadadas a fechar as portas.

objetivos da empresa no mercado cervejeiro, um dos entrevistados salienta que o principal objetivo é apenas atender a demanda local de cerveja (o referido aponta que, ao mesmo tempo que produz cerveja, possui um comércio próprio vinculado à cervejaria); já outro entrevistado enfatiza que o principal propósito da empresa é entregar cerveja de qualidade para o público que a busca, além de arrecadar novos públicos consumidores. Enquanto o primeiro demonstra uma visão economicista do produzir cerveja, se importando, em primeiro lugar, com as vendas e praticamente emulando as características das grandes multinacionais do setor, o segundo apresenta um discurso atrelado à conquista de uma fatia específica do mercado e baseia-se na diferenciação do seu produto para fazê-lo.

Ao questionarmos sobre a percepção acerca do mercado cervejeiro no Brasil, e, no Rio Grande do Sul como um todo – para além da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo –, a maioria aponta que o mercado está crescendo. Diversos eixos de significado surgiram, como, por exemplo, a ideia de um mercado emergente; a necessidade de redes de solidariedade entre os produtores na escala estadual; a readequação do mercado no pós-covid e a competitividade desleal com o oligopólio produtivo.

Neste último ponto citado foi mencionado a necessidade de uma união para sobreviver: *"se os produtores não se unirem para chegar mais longe, estarão remando contra a maré"* (Pesquisa de campo, 2022). Podemos perceber que o entrevistado adota uma posição de resistência perante ao oligopólio cervejeiro vigente no país e faz um apelo a uma necessidade dos produtores criarem laços que possam favorecê-los.

Saquet (2011, p. 14) analisa esta questão ao discutir a solidariedade e organização política e cultural para o desenvolvimento:

Formas específicas de apropriação do espaço podem gerar a produção de formas territorialmente determinadas pela solidariedade. As temporalidades mais lentas, cadenciadas e vinculadas às territorialidades de organização política e cultural, precisam ser potencializadas para o desenvolvimento com mais autonomia.

O autor aprofunda a discussão, argumentando sobre a necessidade fundamental para existência do desenvolvimento ser algo planejado e autônomo,

além do caráter democrático ser um dos princípios basilares do Desenvolvimento Territorial. Todas estas questões são de suma importância quando pensamos na autonomia e resistência dos produtores locais/regionais de cerveja. Além do mais, alguns atores do movimento percebem por meio do empirismo a importância – e necessidade – de união e solidariedade para prevalecer no meio cervejeiro .

Retomando o caráter de diferenciação presente nas (micro)cervejarias, os agentes foram perguntados sobre questões do tipo de cerveja que produzem, visto que tal característica transforma-se em estratégia para atrair novos consumidores, como é o objetivo da grande maioria.

Destaca-se que as cervejas artesanais, possuem, por natureza, uma liberdade maior de diferenciação, pois a produção da cerveja em escala micro foge da lógica produtivista e pode, de sobremaneira, ter lampejos de criatividade para incrementar o setor. De todas as cervejarias participantes da pesquisa, quatro apontaram que produzem cervejas especiais (únicas). Assim, os pequenos produtores ganham esta liberdade e autonomia de produção, podendo trazer mais consumidores. Como salienta Pecqueur (2005)

Aplicações dos princípios de desenvolvimento territorial já são praticadas há muito tempo nas economias do Sul. A nova questão é que a pertinência dessas práticas se fortalece pela globalização, pois esta torna indispensável para as economias dominadas de desenvolver uma diferenciação de seus produtos, para não ficarem submetidas, para a totalidade de suas atividades, aos riscos da concorrência.(PECQUEUR, 2005, p. 17)

Baseado na passagem de Pecqueur (2005), vale ressaltar que não consideramos a produção das grandes cervejarias multinacionais do setor como práticas econômicas do Sul, as mesmas já perderam esta característica, justamente por seu caráter global. A *AB InBev*, por exemplo, que era de capital brasileiro até o ano de 2004 passou por uma fusão com a companhia belga *Interbrew*, perdeu sua característica de cervejaria de capital nacional.

Com a característica produtiva das (micro)cervejarias supracitadas, possuindo um portfólio mais extenso de cervejas produzidas, foi perguntado aos agentes da região qual o tipo de cerveja que eles produziam. As respostas foram das mais diversas, vale ressaltar algumas que chamam atenção, principalmente, pelo caráter de diferenciação.

Existem no rol de produtos, cervejarias que possuem a linha de frutas e especiarias, como cervejas de Bergamota, Saison Pimenta, Gaúcho de erva mate entre outros. Ainda destacamos a produção de uma Linha Sazonal em algumas empresas, feitas no verão com alguma fruta típica da região. Por meio de um extenso portfólio que conta também com o que o produtor chamou de Linha Histórica – provavelmente ligada à cultura alemã no estado – as cervejas *Lichtenhainer, Sahti e Grodziskie*.

Percebemos por meio dessas linhas de cervejas artesanais uma forma ou busca de determinada comunidade em recuperar um passado histórico, tentando reafirmar ou revisitar uma cultura e/ou identidade compartilhada. Além da preocupação com a característica regional e, talvez, na busca pela criação de uma lealdade com o local, por meio da produção da denominada Linha Sazonal.

Em outro momento foi perguntado sobre o que implica na escolha da matéria-prima para produção das cervejas. As opções de respostas eram a qualidade do insumo, valor do insumo, ambos ou a relação custo x benefício. Das respostas, 20% relataram que escolhem exclusivamente baseado na qualidade do insumo, 40% apontaram que a decisão da escolha é baseada em ambas as características (qualidade do insumo e valor), e outros 40% justificaram que a escolha é baseada na relação custo-benefício dos insumos. Ressalta-se que nenhum dos entrevistados respondeu a opção que a escolha da matéria-prima é definida, por, exclusivamente, o valor do insumo, sendo que tal característica corrobora com um dos pilares da fabricação artesanal de cerveja – já citada anteriormente – que preza pela qualidade do produto.

No que tange aos mercados atingidos, destaca-se que as empresas participantes da pesquisa apontaram em sua imensa magnitude o mercado local/regional. A única exceção deu-se por meio da resposta de uma (micro)cervejaria, a qual apontou a escala nacional como um de seus objetivos. Estes dados ratificam como estas empresas se utilizam desta escala para articular a região e criar estratégias de desenvolvimento territorial, que parte expressivamente do local, como estratégia para se manter no cenário desleal com o oligopólio produtivo.

Uma das bases da estrutura centra-se na perspectiva colaborativa do

desenvolvimento territorial produzido por ações em conjunto na escala local/regional. Neste intuito, ao questionarmos a existência de redes que visam a troca de informações entre os produtores cervejeiros no município e/ou Região Imediata do recorte espacial, metade dos entrevistados responderam que há uma troca de saberes de cooperação entre os produtores. As respostas refletem a existência, ainda embrionária, de tentativas de articular os produtores em nosso recorte de pesquisa,

Frente a este cenário, no que tange a relação entre as cervejarias, 80% das empresas participantes destacaram que existe uma boa relação entre os produtores da região. Seguindo a lógica desta pergunta, questionou-se sobre como era visto a relação entre as cervejarias e se existia algum tipo de associação ou parceria entre elas. A grande maioria afirmou que a relação entre as cervejarias no geral é colaborativa, todavia um dos entrevistados apontou que a relação é “média”, pois algumas ainda são fechadas e visam muito a concorrência.

Frente a isso, surgem diversos desafios apontados pelos entrevistados sobre a produção (micro)cervejeira na região, entre os quais foram necessidade da estruturação de uma rede sólida de vendas confiáveis; a alta constante nos insumos derivada da conjuntura econômica; a carga tributária sobre a bebida; as dificuldades logísticas na distribuição das cervejas (devido a ser um bem perecível); e a concorrência desleal com o oligopólio produtivo.

Como uma das estratégias materiais para adequar-se/sobreviver ao mercado, os produtores apontaram a estrutura técnica de abertura/recepção das vendas *in loco* por meio de Pubs¹³. Destacamos que esta é uma das principais características das (micro)cervejarias e do movimento de ressignificação do consumo de cerveja.

A estrutura dos Pubs nos remete a uma tentativa de particularizar o consumo por meio de imersão completa no labor cervejeiro; Ademais, esta forma de alcançar o mercado possibilita um reforço da marca regional, o conhecimento sobre o local e a forma produtiva por meio de uma experiência que cria laços entre consumidor e produto.

Como estratégia de desenvolvimento territorial, os Pubs e suas diversas

¹³ A terminologia PUB deriva da palavra inglesa *Public House*, estrutura comercial comum no Reino Unido.

ramificações (como os gastropubs) incentivam a cadeia produtiva local, o consumo de produtos regionais e uma possível resignificação de determinadas áreas do espaço urbano como, por exemplo, o caso do Bairro Anchieta do município de Porto Alegre. Neste sentido, destacamos que as derivações desta estrutura de comércio/consumo apareceram nas respostas dos entrevistados; alguns apontaram espaços exclusivos destinados ao consumo da cerveja e outros indicaram a existência de restaurantes junto à estrutura produtiva.

Em conjunto com os desafios, os produtores versaram sobre as políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento do setor na região. Entre as respostas, foi citado a parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), possibilitando uma qualificação profissional; o incentivo municipal principalmente vinculado à divulgação por meio de eventos; e a possibilidade de crédito junto a algumas estruturas bancárias. Todavia, de maneira geral os produtores apontaram a ausência de políticas que incentivam a produção cervejeira, como, por exemplo, o abatimento fiscal (concedido em alguma medida para empresas de grande porte do setor).

Seguindo o pensamento de Pecqueur (2005), sem a existência do Estado de modo ativo, e desejando a mudança, na permissão e investimento na descentralização dos oligopólios – como o da produção cervejeira no Brasil – os pequenos produtores/empresários não conseguem prosperar e evoluir de forma autônoma numa perspectiva de projeto que vá além. Logo, uma alteração na forma como as estruturas do poder público encaram os setores locais urge, uma vez que a dinâmica regional por meio de microempresários pode transformar-se num vetor de desenvolvimento territorial.

Como um dos objetivos do presente capítulo é apontar possíveis caminhos para região, atrelado ao desenvolvimento territorial da mesma, evidenciamos a necessidade de uma “ação pública territorializada” (PECQUEUR, 2005, p. 20), a qual pode criar um movimento que incentiva as micro e pequenas empresas regionais. O autor ainda destaca que “obstáculos e limites importantes demonstram que esse modelo não se desenvolve espontaneamente; exige uma ação pública adequada” (PECQUEUR, 2005, p. 20), que territorialize-se e, por consequência, seja uma indutora do desenvolvimento territorial.

Saquet (2011, p. 12) corrobora com esta perspectiva ao destacar que é necessário "um governo local qualificado que possa gerir as mudanças e as permanências territoriais, as desigualdades, as diferenças, as identidades, as redes e os "jogos" de poder, por meio de políticas precisas e coerentes com a complexidade do real. Por estes motivos, quando teorizamos sobre possíveis caminhos para região, não podemos manter fora da equação o papel basilar do Estado em uma implementação democrática do desenvolvimento territorial, sendo este um processo multidimensional e multifacetado que envolve uma série de escalas e agentes envolvidos ao fenômeno (micro)cervejeiro.

6 Considerações Finais

A produção de cerveja possui um papel central para o Estado brasileiro, configurando-se como um importante dinamizador da economia que mobiliza o setor primário, secundário e terciário. Como característica geral deste segmento, há no território nacional a formação de um oligopólio produtivo/mercadológico que domina mais de 90% do mercado.

Como característica emergente, apontamos no trabalho que no século XXI há o surgimento de novos empreendimentos (micro)cervejeiros que se estruturam e buscam se inserir no mercado nacional. Estes, em sua maioria, caracterizam-se pela pequena produção com foco principal na escala local/regional e, neste movimento, alguns estados brasileiros ganham relevância, entre os quais destaca-se o Rio Grande do Sul.

Frente a esta perspectiva é que elencamos o objetivo geral, o qual buscou analisar o processo de ressignificação da produção microcervejeira na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo/RS, visando compreender as dinâmicas produzidas por este movimento e sua relação com o desenvolvimento territorial.

Para atingir tal objetivo, estruturamos a pesquisa em tópicos que buscavam um desencadear lógico, sendo eles: a Fundamentação Teórica, na qual foi apresentada as discussões que versavam sobre o conceito de território, desenvolvimento e desenvolvimento territorial; O contexto geográfico e histórico da produção cervejeira: da escala mundial a região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo/RS, sendo realizado um levantamento histórico-geográfico sobre a produção de cerveja dos primórdios do estado gaúcho ao contexto atual; e por fim As microcervejarias na atualidade: O Desenvolvimento Territorial no Vale do Rio dos Sinos/RS, onde procuramos apresentar o trabalho de campo e sua amarração com as discussões teóricas.

Ao analisarmos o estado gaúcho destacamos que este desponta no contexto atual não somente pela sua estrutura produtiva e alto número de estabelecimentos, mas, também, pela sua historiografia econômica intimamente ligada à produção de cerveja. Demonstramos que o Rio Grande do Sul possui uma história produtiva relacionada com a imigração alemã no século XIX, caracterizada por uma produção

simbólica da cerveja num primeiro momento na escala local e posteriormente estadual. Assim, a gênese artesanal que estruturou as primeiras (micro)cervejarias centrada na pequena produção familiar e no mercado local sofreu significativas transformações no final do século XIX e início do XX, fruto do crescente processo de industrialização de alguns empreendimentos, ocasionando o deslocamento dos centros produtivos para as áreas urbanas do estado, destacando-se os municípios de Porto Alegre, Pelotas e São Leopoldo como pólos produtivos neste período.

Podemos evidenciar na pesquisa que a emergência de grandes indústrias cervejeiras nas localidades analisadas será acompanhada pela consolidação, na Região Sudeste, de grandes corporações que buscam expandir seu mercado por meio da aquisição de empresas, ganhando destaque as empresas Brahma e Antarctica. Nesse contexto, o Rio Grande do Sul tornou-se uma das áreas de expansão desse capital, o que corroborou com a decadência das empresas gaúchas após 1940.

Com o enfraquecimento produtivo das empresas sulinas, fruto do domínio do mercado regional pelas empresas supracitadas (característica que também se alastra em grande medida para todo o território nacional), a maior parte das cervejarias do Estado foram adquiridas pelas indústrias do sudeste e fecharam suas fábricas por não conseguir competir no mercado estadual. Este contexto abarcou também as pequenas empresas da na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo/RS, as quais observaram o crescimento do consumo das cervejas Mainstreaming, as quais passaram na segunda metade do século XX a dominar o mercado nacional.

Contudo, os resultados da pesquisa evidenciam que há um movimento de renovação da produção cervejeira do Rio Grande do Sul após 1990. Este processo decorre da insurgência de novos produtores, em parte inspirados no movimento de renovação produtiva dos EUA nos anos de 1970, tendo como princípio o retorno a uma produção especializada que objetiva adentrar ao mercado local e regional.

Frente a esta conjuntura, uma série de empreendimentos emergem no século XXI a fim de concorrer diretamente com as cervejas Mainstreaming, criando um nicho de mercado que ficou popularmente conhecido como cervejas artesanais. Todavia, o processo de estruturação das microcervejarias não será homogêneo no

espaço, ocorrendo conforme dados levantados na pesquisa, uma concentração produtiva em alguns pontos específicos do estado gaúcho, ganhando destaque a capital Porto Alegre (e alguns municípios da região metropolitana) e sua coligação com a Região Metropolitana da Serra Gaúcha. Esta área foi denominada de *continuum* produtivo, o qual caracteriza-se por possuir um elevado número de empreendimentos que se encontram interligados por meio de uma densa malha rodoviária que possibilita a rápida difusão de mercadorias, capital e pessoas.

Mostramos, também, a formação de pontos produtivos difusos no referido estado, distantes dos principais pólos econômicos. Esta característica está atrelada com a produção de múltiplas territorialidades (micro)cervejarias, as quais vinculam-se diretamente na produção simbólica de um movimento de ressignificação do setor e da bebida.

Logo, outras áreas do Rio Grande do Sul igualmente foram apontadas como polos cervejeiros; estas têm como particularidade a localização em municípios que concentram maior poder econômico regional como, por exemplo: Pelotas e Rio Grande na Região Sul; Santa Maria e Santa Cruz do sul na Região Central; Passo Fundo na Região Norte; e na parte que compreende a RMPA a denominada Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo.

Frente a isso, podemos compreender que o setor possui significativa importância para a dinâmica regional/local, decorrente de um processo de ressignificação do mercado cervejeiro no referido recorte espacial, sendo esta perspectiva atrelada a análises teóricas de autores como Saquet (2011), Saquet e Briskievicz (2009), Chelotti (2010) e Pecqueur (2005).

A pesquisa então demonstrou que consolida-se um pólo produtivo que busca, por meio de diversas estratégias, dinamizar a região não somente no que tange a circulação de capital, mas também devido a produção simbólica que atrela-se a este produto; logo, a resiliência das (micro)cervejarias revela que esta extrapola o “apenas produzir cerveja”.

Forma-se então um trinômio região/local-produção/produto-consumidor que busca, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento territorial multifacetário, articular múltiplas escalas que possibilitam no contexto atual contrapor-se a um grande oligopólio produtivo estabelecido no cenário nacional.

No recorte espacial analisado podemos evidenciar que diversas características regionais da produção são elencadas como bases para o desenvolvimento territorial do setor, destacando-se: a história local relacionada a um passado próspero cervejeiro; a busca por uma dinâmicas que incentivam o consumo local não só da bebida, mas também de produtos oriundos da escala regional; as redes de solidariedade (ainda que incipientes) que estruturam-se em busca da troca de informações; a organização de eventos sociais conjuntos que buscam divulgar a marca para os consumidores; a produção e o consumo in loco como experiência de imersão no universo cervejeiro; entre outros aspectos que possibilitam a ressignificação da produção microcervejeira na Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo/RS, a qual transforma-se num dos principais vetores de desenvolvimento territorial da região.

Referências

ABRACERVA, Associação Brasileira de Cerveja Artesanal. **Estatuto da Associação Brasileira de Microvervejarias**: Art. 3º, § 1º. 2018. Disponível em: <http://abracerva.com.br/sobre/estatuto/>. Acesso em 15/03/2021.

ANTARCTICA, **A história da cerveja**. 2018. Disponível em: <https://www.antarctica.com.br/sobre-a-antarctica/historia/1885>. Acesso em 20/10/2020.

ASCHER, Bernard. **GLOBAL BEER: THE ROAD TO MONOPOLY**. The American Antitrust Institute, 2012.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 79ª Sessão, 1936. Porto Alegre. **Anais**. p. 471-480.

Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. **Série histórica**. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/crescimento-populacional>>. Acesso em: 10/04/2020.

ARROYO, M. **Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo**. Boletim Campineiro de Geografia. v. 2, n. 1, 2012

BARTH-HAAS GROUP. Beer Production. Disponível em: https://www.barthhaas.com/fileadmin/user_upload/downloads/barth-berichte-broschueren/barth-berichte/englisch/2010-2020/barthhaas_report_2020_en.pdf Acesso em: 08/07/2021.

BECKER, Bertha. **A Geografia e o Resgate da Geopolítica**. Espaço Aberto, PPGG, UFRJ, V.2, N.1, p. 117-150, 2012.

BRASIL, **Decreto Nº 2.314** de 4 de setembro de 1997.

BRASIL, **Decreto Nº 6.871** de 4 de junho de 2009.

BRITO, Natalia Daniela Soares Sá. **Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande, 2011.

BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

CARLSON, R., & WEHBRING, R. 2011. **Microbrewing the Bioeconomy: Innovation and Changing Scale in Industrial Production**. EUA: Biondesic LLC.

CASTILLO, Ricardo. FREDERICO Samuel. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (3): 461-474, dez. 2010

CASTRO, Iná Elias De. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. Bertrand Brasil. 2005.

CARRIÈRE, Jean-Paul. CAZELLA, Ademir. (2006). **Abordagem introdutória ao conceito de desenvolvimento territorial**. Eisforia. 4. 23-47.

CASTILLO, Ricardo. FREDERICO Samuel. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (3): 461-474, dez. 2010.

CERVEJARIA 1824 imigração. **Imigração**, Campo Bom, 2022. Disponível em: <<https://www.cervejaimigracao.com.br/a-cervejaria/>> Acesso em: 24 jul. 2022.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. **Reterritorialização e Identidade Territorial**. Sociedade

& Natureza, Uberlândia, 22 (1): 165-180, abr. 2010.

Coleção de Leis do Brasil - 1808, Página 1 Vol. 1 (Publicação Original).

CONSINOS, **Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos**. Disponível em: <http://consinos.org.br/>. Acesso em 08/03/2021.

DANTAS, Vitoria Nascimento. **A TRAJETÓRIA DA CULTURA CERVEJEIRA E SUA INTRODUÇÃO NO BRASIL**. 2016. 12f. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

DUARTE, Tiaraju Salini; LOURENÇO, William Martins; FONTANA, Guilherme. **Origem, Ascensão e Decadência das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul: Um Recorte Espaço-Temporal do Século XIX E XX**. REVISTA CAMINHOS DE GEOGRAFIA, Uberlândia - MG v. 21, n. 73 Mar/2020 p. 368–379.

ESTATÍSTICA INDUSTRIAL do Rio Grande do Sul. 937. Porto Alegre, Globo, 1939.

ESTEVA, Gustavo. **Development**. In: SACHS, Wolfgang. *The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power*. 2ed. Zed Books. 2010.

FRANZ, Juliana Cristina. **Imigração e colonização Alemã no Vale do Taquari/RS: As continuidades e Descontinuidades do processo de identificação territorial**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria. 2020.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32º ed. – Companhia Editora Nacional – São Paulo. 2005.

_____. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1974.

_____. **Raízes do Subdesenvolvimento**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

GEVEHR, Daniel L. CASTRO, Érisson F. S. **A CIDADE E O RIO: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE UMA CIDADE ÀS MARGENS DOS SINOS (Campo Bom, Rio Grande do Sul, segunda metade do século XX)**. Desenvolvimento Rural Interdisciplinar, Porto Alegre, v.2, n.1, maio-novembro, 2019.

GIORGI, Victor. V. **“Cultos em cerveja”**: discursos sobre a cerveja artesanal no Brasil. Soc. e Cult., Goiânia, v. 18, n. 1, p. 101-111, jan./jun. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **DILEMA DE CONCEITOS: ESPAÇO-TERRITÓRIO E CONTENÇÃO TERRITORIAL**. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS. 1 ed. Expressão Popular, São Paulo, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2016.

_____. **Território e multiterritorialidade: um debate**. Geographia, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.

_____. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre, Setembro de 2004.

HERRLEIN, Ronaldo Jr. **A transição capitalista no Rio Grande do Sul, 1889-1930: uma nova interpretação**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 13, n. 1 (22), p. 175-207, jan./jun. 2004

KOB, Edgar. **Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria da cerveja no Brasil desde o início até 1930**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, ano 161, n. 409, out./dez. 2000. pp. 29-58.

LEITE, Maria Alvim; PAULA, Arlete Rodrigues Vieira de; SILVA, Hiury Araújo. **Cerveja e Consumo**. Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade, São Paulo, Vol. 4 no 2, 2012.

LIMBERGER, Sílvia. TULLA, Antoni. **A emergência de microcervejarias diante da oligopolização do setor cervejeiro (Brasil e Espanha)**. Finisterra, LII, 105, 2017, pp. 93-110.

LIMBERGER, Sílvia. ESPINDOLA, Carlos. **A desnacionalização da indústria cervejeira no Brasil: da reestruturação produtiva aos movimentos de fusões e aquisições**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v.13, 2, ago/2019, p. 148-164.

MADEIRA, Juliana Salles. **Perfil do consumidor de cervejas especiais**. 2015. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2015

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário da cerveja 2020**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/com-crescimento-de-14-4-em-2020-numero-de-cervejarias-registradas-no-brasil-passa-de-1-3-mil/anuariocerveja2.pdf>. Acesso em 22/04/2021.

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário da cerveja 2017**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtosvegetal/a-cerveja-no-brasil>. Acesso em 19/10/2020.

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário da cerveja 2018**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal>. Acesso em 19/10/2020.

MARCUSSO, Eduardo Fernandes. **Da cerveja como cultura aos territórios da cerveja: uma análise multidimensional**. 2021. 403 f., II. Tese (Doutorado em Geografia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

_____. **As Microcervejarias no Brasil Atual: Sustentabilidade e**

Territorialidade. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Sustentabilidade na Gestão Ambiental, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces**. Ciência & Educação, v.12, n.1, p.117-128, 2006

MOSER, Vinícius; MARTINS, R. P. . **Indústria, cidades e sociabilidades no Vale do Rio dos Sinos: 1970-1980**. In: XI Seminário de Estudos Históricos, 2013, Novo Hamburgo. A Democracia ainda é a questão: reflexões sobre a ditadura civil-militar e a Comissão Nacional da Verdade. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. v. 01. p. 01-21.

OS 10 anos da Cervejaria Hunsrück. **Revista BeerArt**. 20 de aug. de 2020.
Disponível em: <<https://revistabeerart.com/news/cevejaria-hunsruck-10-anos>>
Acesso em: 24 de jul. 2022.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO LINHA NOVA. **PROJETO DE LEI Nº 413/2015**. 2015.

PEIXOTO, Luciana da Silva; CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Salvamento Arqueológico do centro histórico de Pelotas RS/Brasil**. Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio Grande, 2006.

PECQUEUR, Bernard. **O desenvolvimento territorial**. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 24, n. 1 e 2, p. 10-22, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

_____. **A Economia Gaúcha nos Anos Trinta: Agropecuária Colonial e o Processo de Industrialização na República Nova (1930-1937)**. Estudos Ibero-Americanos, v. 7, n. 1, 2, p. 117-122, 31 dez. 1981.

_____. **RS: agropecuária colonial & industrialização**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 216p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Beco (verbete). In: TOPALOV, C; BRESCIANI, S; DE LULLE, L. C; RIVIÈRE D'ARC, H. **A aventura das palavras da cidade através dos tempos, das línguas e das sociedades**. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Imprensa. Oficial, 2 volumes, 1945.

POLLICE, Fabio. **O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local**. Espaço e cultura, n. 27, p. 7-24, 2010.

RATZEL, Friedrich. **O SOLO, A SOCIEDADE E O ESTADO**. *Revista Do Departamento De Geografia*, 2, 93-101. 2011.

ROTOLO, T. ; MARCUSSO, Eduardo Fernandes . **A cerveja no Brasil Holandês: notas sobre a instalação da primeira cervejaria do Brasil**. CONTEXTOS DA ALIMENTAÇÃO , v. 6, p. 73-93, 2019.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro. Garamond. 2004.

SANTOS, Milton. **Circuitos espaciais da produção: um comentário**. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SANTOS, Milton. *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Sérgio de Paula. **Os primórdios da cerveja no Brasil**. 2. ed. Cotia. Atêlie Editorial, 2004.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Os tempos e os territórios da colonização Italiana**.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2001.

_____. **O desenvolvimento numa perspectiva territorial, multidimensional e democrática.** RESGATE vol. XIX, Nº 21. jan./jun. 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério **TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS.** 1 ed. Expressão Popular, São Paulo, 2009.

SAQUET, Marcos Aurelio. BRISKIEVICZ, Michele. **TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE: UM PATRIMÔNIO NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL.** Caderno Prudentino de Geografia, nº 31, vol.1, 2009.

SHELL, Steven. REESE, Joseph. **Microbreweries, Place and Identity in the United States.** In: PATTERSON, M. HOALST-PULLEN, N. (Eds.). The geography of beer: Regions, environment, and societies. Springer Science & Business Media. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Como montar uma microcervejaria.** Brasília: SEBRAE. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-uma-microcervejaria,8f387a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 01/06/2021.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana.** São Paulo, Nacional, 1968.

SOARES, Paulo R. R. **Metropolização, aglomerações urbano-industriais e desenvolvimento regional no sul do Brasil.** Cadernos Metrôpole 20 (2018): 15-34.

SOARES, Paulo R. R. FEDOZZI, Luciano J. **Porto Alegre e Sua região metropolitana no contexto das contradições da metropolização brasileira contemporânea.** Sociologias, Porto Alegre, ano 18, nº 42, mai/ago 2016, p. 162-197.

SOUZA, Marcelo. Lopes. **O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento.** In: Castro et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro, 1995, Bertrand Brasil.

_____. **OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PESQUISA SÓCIO-ESPACIAL.**
4 ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2018.

_____. **“TERRITÓRIO” DA DIVERGÊNCIA (E DA CONFUSÃO): EM TORNO DAS IMPRECISAS FRONTEIRAS DE UM CONCEITO FUNDAMENTAL.** In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério **TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS.** 1 ed. Expressão Popular, São Paulo, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes; TEIXEIRA, Eduardo Tomazine. **Fincando bandeiras, ressignificando o espaço.** Revista Cidades, v. 6, n. 9, p. 29-66, 2009.

STEFENON, R. **A emergência de um novo padrão de consumo e suas implicações para a dinâmica competitiva da indústria cervejeira.** 2011. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

APÊNDICE

Entrevista com os Representantes das microcervejarias da Região Imediata Novo Hamburgo-São Leopoldo

1. Nome da cervejaria (inspiração)

2. Data fundação da cervejaria:

3. Quais os objetivos da empresa no mercado cervejeiro?

4. Como você vê o mercado cervejeiro no Brasil, e no Rio Grande do Sul?

5. Quais os tipos de cervejas produzidas?

--

6. Alguma cerveja original/única da cervejaria?

Sim

Não

Outro: _____

7. O que implica na escolha da matéria-prima?

Qualidade do insumo

Valor do insumo

Ambos

A relação custo x benefício

Outro: _____

8. Quais os principais mercados atingidos?

Local

Regional

Estadual

Nacional

Interestaduais

Outro: _____

9. Contratam alguma empresa?

- Sim
- Não
- Outro: _____

10. Há terceirização de algum serviço, qual?

- Sim
- Não
- Outro: _____

11. Existem redes que visam a troca de informações entre os produtores cervejeiros no município e/ou região?

- Boa
- Ruim
- Não possui
- Outro: _____

12. Como você vê a relação entre as cervejarias na Região?

- Boa
- Ruim
- Não possui
- Outro: _____

13. Existem sistemas de associação/parcerias entre cervejarias com outros comércios locais?

Sim

Não

Outro: _____

14. A cervejaria possui um pub ou serviço próprio de vendas?

Sim

Não

Outro: _____

15. Quais são os principais desafios de produzir cerveja no Vale do Rio dos Sinos?

16. A pandemia de COVID-19 teve algum impacto na produção/funcionamento da cervejaria? Se sim, qual?

17. Existiu, nos últimos anos, algum incentivo do poder público perante o desenvolvimento de empresas locais microcervejeiras?